

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA
POLO: PIRIPIRI

JOÃO LOPES

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL DO
6º AO 8º ANO: dados para um redimensionamento

BOA HORA/PI
2012

JOÃO LOPES

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL DO
6º AO 8º ANO: dados para um redimensionamento**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Coordenação do Curso de Especialização em
Coordenação Pedagógica, da Universidade
Federal do Piauí como exigência parcial para
obtenção do Título de Especialista em
Coordenação Pedagógica, sob a orientação da
Profa. Mestra Maria de Jesus Assunção e Silva.

**BOA HORA/PI
2012**

JOÃO LOPES

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL DO 6º AO 8º
ANO: dados para um redimensionamento

Aprovada pela Comissão Examinadora, em Piripiri (PI) 30/12/2012.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Ms. Maria de Jesus Assunção e Silva
Orientadora

Profa. Dra. Antonia Edna Brito
Examinadora

Profa. Ms. Genyvana Criscya Garcia Carvalho
Examinadora

BOA HORA/PI
2012

Dedico este trabalho a meus queridos filhos: Cadmiel, Lemuel, Emanuel e Maryzângela e a minha esposa Elizângela que são a razão de minha felicidade; a todos os meus colegas professores que integram a equipe da escola onde trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao meu amado Deus, arquiteto do universo pela vida e por tudo o que Ele tem preparado em minha vida e por ter me permitido chegar até aqui.

À minha adorável mãe: Josefa dos Santos e a meu pai Edmar Lopes pela força e apoio moral em todos os meus projetos.

À minha amada esposa: Elizângela Cavalcante e a meus filhos pela força e compreensão, principalmente nos momentos mais difíceis desse curso.

Em especial às coordenadoras do curso, Dras: Glória e Bárbara pela disposição e boa vontade para que o curso transcorresse da melhor forma possível.

Às queridas e inesquecíveis professoras: Maria de Jesus, Lúcia Evangelista, Reijane, Antônia Edna e Shirley Dourado pelas preciosas e ricas orientações no decorrer do curso.

Aos assistentes de turma: Carlos Henrique e Elizene pelo apoio técnico e auxílio na postagem de atividades.

Aos colegas coordenadores / cursistas pela socialização dos conteúdos durante a realização das atividades.

A todos os que de certa forma colaboraram para a realização deste trabalho.

“A avaliação é um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar a tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos”.

Vasconcelos (1992, p.43)

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de investigação da avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental, especificamente nas turmas de 6º ao 8º ano. Concebe a avaliação escolar como um mecanismo que orienta e acompanha o processo educativo tornando-se inevitável a reflexão sobre a ação que o educador deve ter frente ao ato avaliativo, observando todas as etapas que serão desenvolvidas. A partir dessa compreensão escolheu-se o tema: Avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental: dados para um redimensionamento. A opção por este tema deu-se por sentir-se a necessidade de buscar e questionar sobre a prática avaliativa nos anos finais do Ensino Fundamental da Unidade Escolar Zezinho Dondon, escola municipal rural do município de Boa Hora – PI e, conseqüentemente auxiliar aos educadores dessa escola no processo avaliativo da aprendizagem dos alunos, tendo em vista a sua responsabilidade quanto ao desenvolvimento cognitivo de cada educando e sua importância no processo ensino-aprendizagem e no convívio educacional. A análise foi feita com base em pesquisa bibliográfica e de campo, numa abordagem quantitativa e qualitativa. A coleta de dados deu-se mediante a confecção e aplicação de questionários e entrevistas direcionadas aos pais, alunos e professores. A análise dos dados permitiu perceber que o bom desempenho da avaliação da aprendizagem está interligado não só às metodologias, recursos didáticos, dificuldades de interpretação ao trabalhar, mas também na necessidade de uma reflexão constante sobre a prática avaliativa. Conclui-se mediante todos os pressupostos abordados que os profissionais de educação, especialmente os professores têm um papel fundamental no que se refere à avaliação da aprendizagem, inovando sua maneira de elaborar as atividades avaliativas e conseqüentemente colherem bons resultados educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação da Aprendizagem. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT

This paper presents research results of the evaluation of learning in elementary school, specifically in classes 6th to 8th grade. Conceives the school as a review mechanism that guides and monitors the educational process became inevitable reflection on the action that the educator must have opposite evaluative act, noting that all steps will be developed. From this understanding we have chosen the theme: Assessing learning in elementary school: data to a resizing. The choice of this theme was made by feeling the need to seek and inquire about the evaluation practice in the final years of elementary school Unity School Zezinho Dondon, rural public school in Boa Hora – PI and consequently assist educators this school in the evaluation process of students' learning, in view of its responsibility for the cognitive development of each student and their importance in the teaching-learning and educational interaction. The analysis was based on literature review and field, a quantitative and qualitative approach. Data collection took place through the creation and use of questionnaires and interviews directed to parents, students and teachers. The data analysis allowed realize that the good performance of assessment of learning is interconnected not only the methodologies, teaching resources, difficulties in interpreting the work, but also the need for constant reflection on assessment practice. We conclude upon all the assumptions that addressed education professionals, especially teachers have a crucial role with regard to the assessment of learning, innovating its way to developing the evaluation activities and consequently reap good educational outcomes.

KEYWORDS: Assessment of Learning. Teaching. Learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM	13
2.1 O processo de avaliação escolar	14
2.2 O que é avaliação?	17
2.3 A prática da avaliação	19
3 AVALIAÇÃO ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL	22
3.1 Tipos de avaliações educacionais	24
3.2 Sugestões de métodos avaliativos	27
3.2.1 Formas de avaliação da aprendizagem	29
4 O ATO DE AVALIAR A APRENDIZAGEM	32
4.1 Uma compreensão do ato de avaliar	33
4.2 Avaliação da aprendizagem escolar	35
5 PERCURSO METODOLOGICO	41
5.1 Ponto de partida: o problema	41
5.2 O tipo de pesquisa	41
5.3 Procedimentos para coleta de dados	42
5.4 O universo da pesquisa e os sujeitos da investigação	43
5.5 Caracterização da escola	44
6 RESULTADOS	46
6.1 Tabela	46
6.2 Análise das entrevistas realizadas aos pais	47
6.3 Análise das entrevistas aos professores	48
6.4 Análise das entrevistas aos alunos	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICES	

1 INTRODUÇÃO

A opção por esse tema deu-se por sentir a necessidade de buscar e questionar sobre a prática avaliativa no Ensino Fundamental, especificamente nas turmas de 6º ao 8º ano e consequentemente auxiliar o educador nesse processo, tendo em vista a sua responsabilidade quanto o desenvolvimento cognitivo de cada educando.

Sabe-se que a avaliação serve para afirmar valores, ou seja, avalia-se para subsidiar, induzir, provocar mudanças em uma dada direção, evidenciando-se que não há neutralidade nos caminhos, nos procedimentos e nos instrumentos que são utilizados em uma atividade ou em um processo avaliativo. Contudo, este trabalho é o reflexo da inquietação do pesquisador sobre a prática avaliativa por parte dos professores.

Atualmente, a avaliação da aprendizagem tem sido muito discutida, tanto por especialistas quanto por professores na área educacional. Outras tais concepções pedagógicas surgem, a partir da opção por outro modelo social, em que igualdade entre os seres humanos e sua liberdade não se mantem tão somente ao nível da formalidade da lei, mas que se traduzem em concretudes históricas.

Nos dias atuais, ainda vivencia-se o dilema do baixo nível de aprendizagem dos alunos e a grande dificuldade enfrentada por professores em relação ao processo avaliativo, e diante dessa informação faz-se referências também às experiências vividas no dia a dia da sala de aula, onde se pode mencionar várias situações constrangedoras no que diz respeito à avaliação e as dificuldades de aprendizagens de crianças e adolescentes. Neste sentido questiona-se, até que ponto a avaliação do rendimento escolar pode ser usada como ferramenta de mediação entre os sujeitos cognoscentes que buscam, em dialogo, representar seus conhecimentos, ou para excluí-los da instituição educacional?

Refletir sobre a avaliação é essencial para o bom desempenho das ações educacionais, já que, quando bem estruturada, proporciona êxito e autonomia aos alunos e consolida o sucesso da função da escola. Os problemas que permeiam a avaliação são constantes no âmbito da escola da rede pública de ensino, tão quanto é constante os dilemas referidos pelos professores acerca do tema nestas unidades. Contudo, a escola não pode perder de vista a sua função que é de contribuir para a formação dos seus alunos para que eles possam desenvolver competências e desempenhem uma cidadania crítica e reflexiva.

Diante desses questionamentos e reflexões é que se optou por realizar um estudo acerca do processo avaliativo, diretamente relacionado às dificuldades de aprendizagem dos alunos, tendo como objetivos específicos: citar as dificuldades dos professores quanto a avaliação da aprendizagem dos alunos; identificar fatores prejudiciais à prática da avaliação da aprendizagem; mostrar como minimizar as dificuldades dentro do processo avaliativo; apontar estratégias e sugestões que facilitem a prática da avaliação da aprendizagem; Questionar as sugestões de avaliação para o Ensino Fundamental; como objetivo geral: investigar o processo de avaliação da aprendizagem dos alunos de 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental da Unidade Escolar Zezinho Dondon, escola municipal da zona rural do município de Boa Hora, Estado do Piauí, como instrumento de consolidação do processo de ensino e aprendizagem e sucesso do educando buscando entender a relação que ela tem com a construção da identidade e da autonomia dos sujeitos envolvidos nesse processo. Pretende-se ainda, relacionar as diversas formas de avaliação do processo de ensino na instituição escolar verificando as estratégias de avaliação adotadas pelos professores na referida instituição de ensino observando o que pensa a comunidade escolar a respeito deste processo.

Para obter resultados, foi necessária a análise dos métodos utilizados na avaliação. Contudo, este trabalho também trata de uma investigação sobre a qualidade da avaliação escolar no Ensino Fundamental (6º, 7º e 8º ano) e os métodos empregados como uma forma de inclusão na educação observando todo o processo na construção dos conhecimentos dos educandos, a identificação das falhas do processo avaliativo, a verificação das causas que impedem a avaliação contínua e processual e a determinação dos principais fatores que auxiliam nesse processo.

A avaliação da aprendizagem está sempre presente nos assuntos escolares já que o processo avaliativo permite o aperfeiçoamento da gestão com foco na melhoria do processo. Os resultados permitem aos professores refletirem sobre as práticas pedagógicas; relacionamento com os alunos; planejamento das aulas; técnicas e instrumentos utilizados para avaliar a aprendizagem dos alunos e metodologias de ensino. Os profissionais da educação buscam soluções para os problemas enfrentados pela escola e no sistema de ensino levando em consideração todos os fatores externos que influem direta ou indiretamente neste processo e também os fatores internos que são inerentes à construção desse processo de qualidade tão almejado por todos.

Esta pesquisa qualitativa é uma modalidade de estudo bibliográfico e de campo sobre a avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental com ênfase em processos

interativos no contexto de ensino-aprendizagem. Para isso foi necessário um aprofundamento teórico sobre o tema para depois realizar-se a coleta de dados com os professores, pais e alunos das turmas de 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental. O instrumento de coleta de dados, questionário, está em anexo nesta pesquisa e foi escolhido porque permite uma abrangência maior de sujeitos.

Quanto mais conscientes estiverem os educadores, mais facilmente ocorrerão as mudanças de mentalidade e postura. Por isso que essa pesquisa traz consigo na primeira seção, após esta introdução, os aportes teóricos sobre o processo de avaliação da aprendizagem, agregando as subseções que mostram sobre: o processo de avaliação escolar, o que é avaliação e a prática da avaliação; na segunda seção, a avaliação escolar no Ensino Fundamental, contemplando: os tipos de avaliações educacionais, algumas sugestões de métodos avaliativos e formas de avaliação da aprendizagem; na terceira seção, o ato de avaliar a aprendizagem, contendo: uma compreensão do ato de avaliar e a avaliação da aprendizagem escolar; na quarta seção o percurso metodológico; na quinta seção, os resultados da pesquisa levando em consideração as entrevistas concedidas pelos alunos, pais e professores da escola investigada e, finalmente, as considerações finais mostrando em sua essência a visão dos pais, dos alunos e dos professores sobre a avaliação da aprendizagem.

Conclui-se assim, que a avaliação serve como instrumento de orientação de revisão das práticas para a gestão e de possíveis ações do sistema. Na escola, constitui elemento alternativo e constitutivo da gestão democrática e é fundamental para a melhoria das ações educacionais, permitindo que se revejam rumos ou se alterem procedimentos durante sua realização para que no final se afira resultados e ordenem-se novos processos.

2 O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Conforme os PCN's (1997), a avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino-aprendizagem.

A avaliação da aprendizagem só pode acontecer se for relacionada às oportunidades oferecidas, isto é, analisando a adequação das situações didáticas propostas aos conhecimentos prévios dos alunos e aos desafios que estão em condições de enfrentar.

Tomar a avaliação nessa perspectiva e em todas essas dimensões requer que esta ocorra sistematicamente durante todo o processo de ensino e aprendizagem e não somente após fechamento de etapas do trabalho, como é o habitual. Isto possibilita ajustes constantes efetivamente para que a tarefa educativa tenha sucesso.

A avaliação investigativa inicial instrumentalizará o professor para que possa por em prática seu planejamento de forma adequada às características de seus alunos. A avaliação inicial serve para o professor obter informações necessárias para propor atividades e gerar novos conhecimentos, assim como para o aluno tomar consciência do que já sabe e do que pode ainda aprender sobre um determinado conjunto de conteúdos. É importante que ocorra uma avaliação no início do ano, pois o fato de o aluno estar iniciando uma série não é informação suficiente para que o professor saiba sobre suas necessidades de aprendizagem.

Segundo Luckesi (1984), a orientação para a avaliação deve ser fundamentada na utilização de diferentes códigos, como o verbal, o oral, o escrito, o gráfico, o numérico, o pictórico, de forma a se considerar as diferentes opiniões dos alunos. Por exemplo, muitas vezes o aluno não domina a escrita suficiente para expor um raciocínio mais complexo sobre como compreender um histórico, mas pode fazê-lo perfeitamente bem em uma situação de intercâmbio oral, como em diálogos, entrevistas ou debates, considerando essas preocupações, o professor pode realizar a avaliação por meio de: observação sistemática, análise das produções dos alunos, atividades específicas para a avaliação.

Ainda conforme Luckesi (1984), a avaliação da aprendizagem escolar no Brasil, hoje, está a serviço de uma pedagogia dominante que, por sua vez, serve para um modelo social liberal conservador, nascido da estratificação dos empreendimentos transformadores que culminaram na Revolução Francesa.

A avaliação educacional será assim um instrumento disciplinador não só das condutas cognitivas como também das sociais, no contexto da escola. A prática da avaliação nas pedagogias preocupadas com a transformação deverá estar atenta aos modos de superação do autoritarismo do educando, pois o novo modelo social exige a participação democrática de todos. Isso significa igualmente, fato que não dará se não conquistar a autonomia e a reciprocidade de relação.

A avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão, ela é um juízo de valor, o que significa uma afirmação qualitativa sobre um dado objeto, a partir de critérios pré-estabelecidos, portanto, diversos do juízo de existência que se funda nas demarcações “físico” do objeto. (LUCKESI, 1984, p. 21 a 29).

Para este autor, a atuação prática da avaliação escolar estipulou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico, como deveria ser constitutivamente, ou seja, o julgamento de valor, que teria a função estática de classificar um objeto ou um ser humano histórico num padrão definitivamente determinado.

Dessa forma, o ato de avaliar não serve como para pensar a prática e retorná-la estratificada. De fato o momento de avaliação deveria ser um “momento de fôlego na escola”. A avaliação não deveria ser fonte de decisão sobre castigo, mas de decisão sobre os caminhos de crescimento sadio e feliz.

2.1 O processo de avaliação escolar

Uma das questões que apresenta complexidade e significação no contexto do sistema escolar brasileiro ainda diz respeito ao sistema de avaliação do rendimento escolar de alunos e, por que não dizer da própria instituição como mecanismo de formação e integração do ser social no âmbito de uma política social empreendedora.

No Brasil, a avaliação é marcada pela influência americana que se propaga entre seus educadores e prossegue com passos lentos no meio educacional, sendo que, realmente, a avaliação tornou-se assunto relevante e questionável por parte dos educadores.

Conforme Demo (1996), apesar de a história da avaliação ser tão remota verifica-se que o termo avaliação até 1965 no Brasil era usado em educação como sinônimo de dar “notas”. Pouca avaliação verdadeiramente de programas educacionais foi realizada. Hoje, a

avaliação está presente cada vez mais no trabalho didático do professor exigindo deste, competência intelectual e pedagógica, como ainda, uma série de requisitos metodológicos que, de acordo com o seu conceito, se fazem necessários ao bom avaliador.

Assim, compreender a concepção de avaliação só é possível quando se entende o sentido e significado dos eixos que irão nortear a concepção de ciclo de formação. Esta por sua vez só será possível quando se compreender os princípios de organização curricular e de ensino propostos (conteúdos e processos), assim como de organização de trabalho pedagógico e administrativo da escola (organização dos tempos).

Torna-se importante assumir a escola como um espaço de direito do cidadão e como um lugar onde atuam sujeitos socioculturais e históricos que se formam mutuamente através das relações sociais. “Dessa maneira, apoia-se no fato de que a escola é educativa por si mesma, pelas circunstâncias de seu relacionamento com a sociedade em sua dinâmica, em sua forma de ensinar aprender e na organização de seu trabalho” (SANT’ANNA, 1995).

A concepção de avaliação que perpassa essa lógica é a de um processo que deve abranger a organização escolar como um todo: as relações internas à escola, o trabalho do docente, organização do ensino, o processo de aprendizagem do aluno e, ainda, a relação com a sociedade.

Nessa perspectiva torna-se fundamental a constituição de um conceito de avaliação escolar que entenda as necessidades de escolarização das camadas populares, porque são elas que mais tem sofrido com o modelo de escola atual. E, se o movimento amplo da sociedade impõe um novo tipo de escola, impõe também, a necessidade de um novo referencial para a constituição dos processos de avaliação.

Sabe-se que a avaliação é um processo contínuo de pesquisa que visa estudar e interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento, propostas nos objetivos da escola, a fim de que haja condições de propor alternativas no planejamento da ação pedagógica do professor e da escola como um todo.

Segundo Hoffmann (1991), a avaliação deve ser entendida como um processo de pesquisa, onde o professor e a escola devem estar sempre investigando as melhores situações, as mais eficientes formas de coleta e sistematização de dados, sua utilização e compreensão, como o processo mais eficiente de capacitação do professor em evolução. A avaliação visa estudar e interpretar os conhecimentos e habilidades dos alunos, tanto nos aspectos quantitativos quanto nos qualitativos.

A escola não deve preocupar-se exclusivamente com as notas decorrentes dos resultados dos testes de conteúdos, mais deve focalizar, sobretudo, os aspectos do desenvolvimento como relacionamento social, interesse, sentimentos em relação a si mesmo e em relação aos outros. Como também a escola deve se preocupar durante o processo ensino-aprendizagem para que o aluno analise, adquira espírito crítico, sendo capaz de resolver por se mesmo dificuldades que se lhe apresentam, seja qual for.

A avaliação deve ter em vista mudanças esperadas no comportamento dos alunos e propostas objetivas na escola. O professor só poderá avaliar a aprendizagem se tiver um pensamento claro daquilo que pretende atingir, ou seja, de seus objetivos, que são proposições sobre o comportamento esperado para os alunos. Quando mais claramente forem propostos, melhores guias serão para a ação do professor e para o seu procedimento de avaliação, portanto, quando o professor está avaliando, ele quer verificar se o aluno está atingindo os objetivos, pleno ou parcialmente.

A avaliação deve dar condições para que seja possível tomar decisões sobre alternativas no plano de ensino e a coleta de dados para o planejamento do trabalho é um aspecto fundamental da avaliação visto que esta consiste num diagnóstico do desenvolvimento do aluno. Uma vez que a situação esteja caracterizada, quando o professor sabe exatamente como estão seus alunos e quais os progressos feitos, terá elementos para planejar sua ação didática sobre dados reais.

A função primordial no processo de avaliação está, pois, no aperfeiçoamento das situações de aprendizagem e de currículo como todo. Esta posição difere daquela em que a avaliação é um momento especial do ano letivo e cujos resultados são esperados para serem utilizados unicamente nas decisões sobre a promoção ou retenção do aluno e para reagrupar as classes.

A avaliação é, pois, um exercício mental que permite a análise do conhecimento, o diagnóstico, a medida e/ou julgamento de um objeto. Esse objeto deve ser a própria realidade daqueles que a fazem. Avaliar seria um processo de autoconhecimento e, também, o conhecimento da realidade e da relação dos sujeitos com essa realidade. Seria um processo de análise, julgamento, recriação e/ou ressignificação das instituições que fazem parte dessa realidade e das pessoas que a mantêm.

Conforme Hoffmann (1991), questionam-se muito os processos de avaliação da aprendizagem dos alunos que estão, usualmente, centrados num desempenho cognitivo, sem referências a um Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, e, ainda, o sentido das

avaliações escolares que se direcionam, especialmente, para o ato de aprovar ou reprovar os alunos. A avaliação deve priorizar a identificação dos problemas, dos avanços e verificar as possibilidades de redimensionamentos e continuidades do processo educativo. A avaliação se constitui num processo investigador, formativo e contínuo, do qual o professor, alunos e pais participam ativamente.

2.2 O que é avaliação?

A avaliação escolar é uma ferramenta primordial no processo educativo que merece atenção especial por definir o resultado final desse processo. Portanto, é imprescindível que a mesma seja contínua e processual. A avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre seu trabalho. Os dados relevantes se referem às várias manifestações das situações didáticas, nas quais o professor e os alunos estão empenhados em atingir os objetivos do ensino. A apreciação qualitativa desses dados ocorre através da análise de provas, exercícios e atividades diversas, para a partir daí, orientar a tomada de decisões em relação as atividades didáticas seguintes:

- Verificação: coleta de dados sobre o aproveitamento dos alunos, através de provas, exercícios e tarefas ou de meios auxiliares, como observação, desempenho, entrevista etc.;
- Qualificação: comprovação dos resultados alcançados em relação aos objetivos e, conforme o caso, atribuição de notas ou conceitos.
- Apreciação qualitativa: a avaliação propriamente dita dos resultados, referindo-se aos padrões de desempenho esperados.

Conforme Luckesi (1984), a avaliação da aprendizagem possui funções importantes, como a função pedagógico-didática e a função de diagnóstico. Para este autor, a função pedagógico-didática se refere ao papel da avaliação no cumprimento dos objetivos gerais e específicos da avaliação escolar. Ao comprovar sistematicamente os resultados do processo de ensino, evidencia-se ou não o entendimento das finalidades sociais do ensino. Ao mesmo tempo, favorecem uma atitude mais responsável do aluno em relação ao estudo, assimilando-o com um dever social. Cumprindo sua função didática, a avaliação contribui para a assimilação e fixação, pois a correção dos erros cometidos possibilita o aprimoramento,

aplicação e o aprofundamento de conhecimentos e habilidades e, desta forma, o desenvolvimento das capacidades cognoscitivas. “A função de diagnóstico permite identificar progressos e dificuldades dos alunos e a atenção do professor que, por sua vez, determinam modificações do processo de ensino para melhor cumprir as exigências dos objetivos”. Luckesi (1984, p. 197).

Ainda no que se refere à avaliação da aprendizagem, entende-se que a prova escrita dissertativa não pode se restringir a pedir aos alunos que repitam somente o que foi ensinado ou o que está no livro didático. Nesse aspecto, Luckesi (1984), afirma que as questões devem estar relacionadas aos conteúdos trabalhados, mas o objetivo da prova é verificar o desenvolvimento das habilidades intelectuais dos alunos na assimilação dos conteúdos. Neste mesmo aspecto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), mostram que na concepção mais tradicional de ensino, o sistema de avaliação por meio de nota e conceitos tinha por objetivo classificar e estigmatizar os alunos desconsiderando seus avanços e as dificuldades enfrentadas por eles.

Na visão de Luckesi (1984), nas atuais concepções de ensino, avaliar significa acompanhar o processo de ensino e aprendizagem ao longo do ano letivo, de modo que propicie informações, tanto para o aluno como para o professor sobre possíveis caminhos a serem seguidos ou modificados.

Em relação ao segmento escolar mais comprometido com a alfabetização compreendido pelos três primeiros anos de escolaridade a avaliação assume uma dimensão formadora fundamental. Ela representa importante fonte de informação para formulação de práticas pedagógicas, uma vez que os registros feitos ao longo do processo ajudam a compreender e descrever os desempenhos e as aprendizagens dos alunos, com ênfase em progressões e nas demandas de intervenção. Segundo Luckesi, “A avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre as eventuais provas finais”. (1984, p.59). Esta teoria é conhecida pela maioria dos professores brasileiros, e embora muitos ainda utilizem o aspecto quantitativo, nota-se que há uma preocupação por parte da gestão escolar e da coordenação pedagógica em redimensionar os dados da avaliação da aprendizagem.

Apesar do considerável volume de propostas inovadoras nesse campo, a avaliação da aprendizagem dos alunos continua representando fonte de muitas dúvidas, conflitos e contradições em relação aos projetos e expectativas do sistema, da escola, dos educadores e da própria comunidade escolar. Em decorrência dessas dificuldades, tem sido cada vez mais

frequentes, por exemplo, por professores e pais, reuniões formais ou interações mais espontâneas. Sabe-se segundo Barbosa (1994, p. 70) que, “Não existe mais avaliação: o papel do professor ou da professora é anulado porque não se pode mais reprovar, sem a nota, acaba a motivação do aluno, que não precisa se esforçar para alterar resultados”.

2.3 A prática da avaliação

A avaliação numa prática pedagógica é um processo em que a construção do conhecimento é feita pelo próprio aluno. Quando a ação pedagógica do professor se dá de forma interativa, os alunos constroem conhecimentos elaborando hipóteses a partir de atividades desafiadoras propostas pelo mestre. Conforme Hoffman (1994), eles observam, investigam, tiram conclusões e produzem sínteses. E é justamente esse procedimento global do aluno que o professor deve avaliar.

Como os educandos não são todos idênticos e a construção do conhecimento não acontece de forma linear, o mestre deve acompanhar através de observações constantes, o desempenho de cada um e o seu próprio, detectando, assim, acertos e falhas e obtendo informações básicas de como a aprendizagem está se processando.

Fica, portanto claro a premissa de que a avaliação de um aluno ou de uma turma não deve se limitar à atribuição de notas, medidas por critérios de certo e errado. A avaliação deve sim partir dos objetivos propostos. Os instrumentos, os registros orais e escritos, os trabalhos de observações e pesquisas, as atividades individuais e coletivas, enfim, tudo o que foi organizado e elaborado pelos alunos merece atenção e deve ser avaliado, não em termos de valores numéricos, mas levando-se em conta o desenvolvimento, o crescimento, o acúmulo de experiências, a autonomia, a criatividade, a confiança, o respeito.

Assumindo a posição de facilitador do processo ensino-aprendizagem, o educador deve valorizar todo e qualquer desempenho das crianças, eliminando barreiras, medos, injustiças, inseguranças, garantindo realmente que seus alunos consigam se apropriar do saber científico, incorporando-o ao seu próprio conhecimento, pois de acordo com Hoffman:

A avaliação deve significar justamente a relação entre sujeitos cognoscentes que percebem o mundo através de suas próprias individualidades, portanto, subjetivamente. Se valorizarmos os erros dos alunos, considerando-nos essenciais para o vir a ser do processo educativo, temos de assumir também as possibilidades das incertezas, das dúvidas, dos questionamentos que possam ocorrer conosco a partir da análise das respostas deles, favorecendo, então a discussão sobre essas ideias ou novas ou diferentes. (1994, p. 22).

Certamente, durante o processo de avaliação da aprendizagem, surgem muitas dúvidas tanto para o aluno quanto para o professor. As respostas erradas dos alunos permitem que o professor se questione e reflita na forma de avaliar o aluno.

Canto (2004) afirma que avaliar é uma das tarefas mais delicadas no ensino e indica uma reflexão constante sobre quatro perguntas básicas. Por que avaliar? Quando avaliar? O que avaliar? Como avaliar? Estes questionamentos podem ajudar o professor a aprimorar cada vez mais o processo da avaliação, pois a partir dessas perguntas o mesmo pode planejar atividades avaliativas de forma correta, considerando a realidade do aluno.

a) Por que avaliar?

Erro é a parte intrínseca do processo de aprendizagem. São os erros que norteiam as alterações pedagógicas e tornaram o processo de aprendizagem efetivo. A avaliação não pode se limitar a provas bimestrais ou mensais, principalmente se constarem de perguntas que cobrem a mera repetição de palavras ou frases tiradas do livro adotado considerar as provas como único modo de avaliar.

b) Quando avaliar?

Avaliar, nesse contexto equivale a muito mais do que simplesmente saber o resultado final do processo de aprendizagem de um conjunto de conteúdos. Diz respeito ao acompanhamento das dificuldades e dos progressos dos alunos, à luz da realidade local.

c) O que avaliar?

O que avaliar é decorrência dos objetivos estipulados para a aprendizagem. Deve-se cobrar, portanto, aquilo que se colocou em jogo nas situações de aprendizado.

d) Como avaliar?

No processo de avaliação é essencial que o professor considere as diferentes maneiras de expressão oral, escrita, pictórica etc. assim fazendo, não estará privilegiando um aluno que escreve bem em detrimento de outro que se comunica com mais clareza de forma oral ou de outro que desenha melhor do que escreve.

É preciso, antes de tudo, avaliar e valorizar os progressos, os avanços e as conquistas do aluno em termos de aprendizagem e não se apegar de modo exagerado ao que ainda não aprendeu. “Esses tipos de avaliações constituem um importante fator de crescimento mútuo, por que além de desenvolver a autocrítica, tanto no aluno quanto no professor, estimulam ambos a encontrar soluções para as dificuldades apresentadas”. Canto (2004, p. 9 -16).

Carpaneda (2005) menciona que ao avaliar o rendimento escolar do aluno, o professor deve levar em consideração dois critérios básicos: a avaliação da aprendizagem de acordo com os objetivos estabelecidos em seu plano de curso, e a autoavaliação do seu trabalho por meio das respostas dos alunos. Por meio do erro do aluno pode-se chegar a duas considerações pelo menos. Em primeiro lugar, indicar o que ele já assimilou e o que ainda falta assimilar. Em seguida, com essa informação, o professor pode descobrir se atingiu ou não os objetivos propostos no seu planejamento. Analisará então, se precisa modificar suas ações pedagógicas a fim de melhor adequá-las para que haja uma aprendizagem efetiva e eficaz.

Ainda segundo Carpaneda (2005), a prática avaliativa baseia-se na realidade do aluno ao observar as competências desenvolvidas. Portanto, é preciso um verdadeiro diagnóstico da construção dos conhecimentos e não apenas somas de registro de prescrição das atividades realizadas, para que a mesma seja real com o intuito de formar cidadãos conscientes, críticos, criativos, solidários e autônomos. Nesse aspecto, entende-se que o grande desafio para se construir novo caminho é uma avaliação com critérios de entendimento reflexivo, conectado, compartilhado e autonomizado no processo ensino- aprendizagem.

3 AVALIAÇÃO ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL

A avaliação escolar no Ensino Fundamental tem sido um processo que vem contribuindo muito, principalmente na formação do aluno. Ela contempla vários tipos, dentre eles, a avaliação formativa, indispensável no desenvolvimento formal do educando.

É formativa toda a avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo. [...] A avaliação formativa define-se por seus efeitos de regulação dos processos de aprendizagem. Dos efeitos buscar-se-á a intervenção que os produz e, antes ainda, as observações e as representações que orientam essa intervenção. (PERRENOUD, 1999, p. 103-104).

A compreensão da concepção da avaliação escolar torna-se possível quando há um entendimento da importância e os significados dos eixos que norteiam o processo de formação, tomando como princípio a proposta pedagógica da escola e a organização dos trabalhos a serem executados por toda a equipe administrativa e pedagógica. Da mesma forma, a avaliação formativa necessita ser reconhecida como um mecanismo de formação do aluno em todos os aspectos da aprendizagem e do desenvolvimento.

Sabe-se que para avaliar, é preciso estabelecer critérios como: o que avaliar? Para que? Quem? Quando? Como? E em seguida a escolha de procedimentos comparados com o contexto e a forma em que foram produzidos com o objetivo de adquirir o produto final.

Para isso é necessário, segundo Libâneo, o uso de instrumentos e procedimentos adequados da avaliação. (1994).

Avalia-se não para seguir normas, mas sim para formar o educando, visando o ensino-aprendizagem, atentando para a superação das dificuldades, estimulando os alunos a continuar os estudos, e observando o nível de qualidade em que os objetivos estão sendo atingidos, tendo em vista que o processo avaliativo inclui instrumentos e procedimentos diversificados que servirão de bússola para o professor. Portanto os métodos dos quais o mesmo se apropria influencia no desenvolvimento do aluno, por isso é imprescindível a autoanálise do trabalho docente da escola quanto à prática pedagógica, antes de definir qual tipo de avaliação a ser aplicada já que cada sala de aula é portadora de realidades distintas.

A avaliação é concebida como uma das mais complexas atividades do educador já que a mesma desempenha diversas funções atuando de forma diagnóstica, continua e processual.

Uma instituição de ensino deve planejar seus trabalhos, priorizando a realidade de seus alunos, tendo como peça chave o olhar clínico para que ocorra a identificação dos problemas, avanços e a continuidade do processo educativo, portanto a avaliação é um exercício mental que permite a análise do conhecimento, através de diagnóstico e o julgamento, permitindo o autoconhecimento.

Quando o avaliar está apenas associado a fazer prova, fazer exame, atribuir notas, aprovar ou reprovar, a educação resulta-se apenas em mera transmissão de conhecimentos e memorizações de informações prontas, tornando o educando um ser passivo e receptivo, moldado pelo tradicionalismo.

Sabe-se que com a avaliação se tem uma visão ampla em que se oportuniza a construção de conhecimentos, a partir do desenvolvimento cognitivo, motor, objetivo e social, associado a experiências vividas, tornando seres ativo e dinâmico. E para auxiliar o aluno a avançar na aprendizagem e na construção do saber a avaliação atua na verificação do grau de conhecimento.

A função nuclear da avaliação, segundo Perrenoud (1999), é ajudar o aluno a aprender e o professor a ensinar. Neste sentido, ressalta-se a importância dos critérios da avaliação, pois o professor educador não trabalha baseado em dados inventados, mas de acordo com a necessidade do educando, pois este mesmo autor afirma que: “O importante não é fazer como se cada um houvesse aprendido, mas permitir a cada um a aprender”. (1999, p.165).

Isto significa que o ato avaliativo é um momento marcante, que busca trazer novas oportunidades, não tem um fim em si mesmo por ser um instrumento de aprendizagem em que está focalizado no desenvolvimento de competências através das ações do professor, baseado em observação, questionamento, registro e feedback, tendo alguns indicadores como parâmetros para todo o processo. Dessa forma, a família deve sempre estar presente no acompanhamento do desenvolvimento de seus filhos, pois segundo Delors,

A família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegurará, por isso a ligação entre o efetivo e o cognitivo, assim como a transmissão de valores e das normas, [...] Um diálogo verdadeiro entre pais e professores é, pois, indispensável, porque o desenvolvimento harmonioso das crianças implica uma complementaridade entre educação escolar e educação familiar. (2003, p. 111).

A base da educação é, sem dúvida, a família. Por isso, a escola deve jamais trabalhar a formação dos alunos sem o apoio familiar. Nesse aspecto, a escola precisa firmar parceria entre a família dos alunos para que juntos ofereçam aos educandos uma educação de qualidade.

3.1 Tipos de avaliações educacionais

Percebe-se neste estudo que a avaliação é uma prática onde a maioria das escolas se detém ao tradicionalismo, mesmo existindo diferentes formas de averiguar o aprendizado do aluno e, portanto, a prática pedagógica deixa muito a desejar, pois se sabe que no processo avaliativo é indispensável a definição de habilidades a serem desenvolvidas que contemplarão as competências esperadas, tendo em vista que as avaliações precisam ser portadoras de determinadas características, como: os objetivos, os conteúdos e os métodos que serão trabalhados e avaliados na unidade, que tenha como meta a revisão do plano de ensino, que irá desenvolver as capacidades físicas e intelectuais dos alunos, garantindo e comprovando os conhecimentos assimilados, em que irá promover a auto-percepção do professor quanto ao desempenho dos alunos na construção de suas habilidades, tendo como base conteúdos significativos, métodos apropriados e acompanhamento adequado, pois a orientação no processo avaliativo é de suma importância já que permite conhecer os ritmos do progresso de cada aluno e detectar as dificuldades dos mesmos. Portanto, os resultados obtidos pela avaliação devem ser utilizados para adequar o método de ensino de forma eficaz.

Acredita-se que os métodos avaliativos ocupam espaços relevantes na prática pedagógica, portanto, avaliar, é um instrumento que verifica o aprendizado e os avanços adquiridos pelos alunos, onde ao mesmo tempo fornece subsídios para o trabalho docente, fortalecendo o processo de ensino-aprendizagem, já que a mesma descreve o progresso, o conhecimento e as dificuldades presentes, proporcionando apoio para o planejamento de novas ações didáticas e propostas avaliativas.

Neste sentido, verifica-se que a ação avaliativa sofreu diversas mudanças para se adequar a realidade do educando atendendo as suas necessidades. Eis algumas fases evolutivas da avaliação, segundo Perrenoud (1993):

a) Fase da mensuração: a avaliação era aplicada através de testes e exames para classificar os alunos e determinar o progresso.

b) Fase descritiva: obtinha-se dados de objetos atingidos pelos alunos, descrevendo o que seria sucesso ou dificuldade. Nessa fase surgiu o termo “avaliação educacional”.

c) Fase do julgamento: era preciso julgar sobre o conjunto de todas as dimensões do objeto, inclusive sobre os próprios objetivos.

d) Fase de negociação: processo interativo, negociação, com fundamentação construtivista. Instrumento de referencia e de apoio a natureza pedagógica, administrativa e estrutural que se concretiza mediante a partilha de ações e cooperativismo.

Sabe-se que a educação é um direito, portanto, não é correto avaliar para classificar, sentenciar, aprovar ou reprovar. A avaliação tem que incidir sobre os aspectos gerais do processo inseridos ao Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino, partindo do pressuposto de que tanto o aluno quanto a Instituição ambos são avaliados. Portanto, avalia-se para identificar os problemas, avanços e redimensionar a ação educativa, por isso a avaliação possui diversas funções, conforme Perrenoud (1999) como:

- Função diagnóstica: proporciona informações acerca das capacidades do aluno antes de iniciar o processo de ensino aprendizagem, que deve ser utilizada como consulta, registro e interpretação da história escolar do aluno.

- Função formativa: permite constatar o que estão sendo construído pelos alunos e o que estão em vias de construção. Identificar dificuldades e programar atividades diversificadas para não acumular dificuldades. Representa o principal meio pelo qual o aluno passa a conhecer seus erros e acertos, assim, há um maior estímulo para um estudo sistemático dos conteúdos. É através dela que os professores realizam projetos e definem as competências a serem priorizadas no mesmo.

- Função somática ou final – serve para ter um diagnóstico global do processo vivido, que servirá para a organização do trabalho pedagógico.

Para uma avaliação continua do processo de ensino-aprendizagem é preciso criar instrumentos que possibilitem aos alunos e professores a acompanharem o processo de forma eficaz. Neste sentido, tem-se segundo Libâneo (1999), os instrumentos abaixo citados como exemplos destes instrumentos.

A observação é um instrumento que permite ao professor obter informações sobre as habilidades cognitivas, atitudinais e procedimentais dos alunos, através do acompanhamento de registro e anotações baseados em critérios definidos e objetos propostos.

O registro tem a função de acompanhar o processo educativo, propiciando a análise crítica e reflexiva.

Provas e testes são instrumentos que oportunizam a percepção dos avanços ou dificuldades dos alunos em relação ao tema em questão, onde sua formulação deve fundamentar-se em questões de compreensão e raciocínio e não em memorização mecânica.

Debates - proporciona momentos de interação com outros conhecimentos.

Autoavaliação - análise dos resultados obtidos pelos alunos, evidências do que conseguiu aprender, evidências das dificuldades que ainda enfrentam e o reconhecimento das superações que precisam ser conquistadas.

Ficha avaliativa - instrumento que demonstra o desenvolvimento do aluno referente às competências, habilidades e análise dos aspectos afetivos, sociais, etc.

Os instrumentos de avaliação acima citados devem refletir a pedagogia baseada em diálogos e busca coletiva de soluções, ou seja, representa o principal meio pelo qual o aluno passa a conhecer seus erros e acertos, assim, há um maior estímulo para um estudo sistemático dos conteúdos. É através dela que os professores realizam projetos e definem as competências a serem priorizadas no mesmo.

É necessário, portanto, a conscientização de todos os segmentos onde a avaliação deve ser repensada para que a qualidade do ensino não fique comprometida, sendo cuidadosos com o histórico dos educandos para que não ocorra o autoritarismo e a arbitrariedade.

Neste sentido o ato de avaliar tem basicamente, três passos, segundo Luckesi (1995), conhecer o nível de desempenho do aluno em forma de constatação da realidade; comparar essa informação com aquilo que é considerado importante no processo educativo (qualificação); tomar as decisões que possibilitem atingir os resultados esperados.

Significa, pois, que a avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre sua prática pedagógica. Portanto, é essencial que sejam definidos os critérios, em que o professor fará a listagem de itens relevantes para desenvolver uma avaliação contínua e provocar o desenvolvimento dos alunos.

Dessa forma, a avaliação qualitativa deve estar alicerçada na qualidade do ensino e pode ser feita para avaliar o aluno como um todo, observando a capacidade e o ritmo de cada um. O professor precisa estar atento às evoluções individuais dos alunos e as suas inteligências múltiplas, para não fazer julgamentos precoces. Respeitar o tempo de desempenho é uma tarefa difícil que requer paciência e dinamismo. É nesse contexto que a

autoavaliação contribui para o professor rever suas metodologias utilizadas na sua prática pedagógica, podendo utilizar instrumentos avaliativos vinculados à necessidade de dinamizar, problematizar e refletir sobre a ação educativa e ao mesmo tempo avaliativa, que envolve diversos aspectos necessitados de observações, para que o professor possa transformar sua prática atendendo todo o público, principalmente as deficiências de aprendizagem, como também os oriundos de distúrbios mentais ou sensoriais.

É sabido que o sistema nervoso comanda todos os outros sistemas do nosso corpo e interfere nas atividades humanas, inclusive na aprendizagem. Nesse aspecto, diversos distúrbios são os causadores de problemas na aprendizagem e a escola tem um papel de fundamental importância para apoiar e compreender o grande leque de variados problemas em que os alunos trazem consigo e se manifestam na maioria das vezes na sala de aula, conduzindo muitos professores a avaliar como agressivo, aluno problema, hiperativo, discriminando a sua capacidade de desenvolver algo que precisa ser estimulado.

Diante da avaliação qualitativa, entende-se que quando há uma interação entre professor e aluno, o ambiente escolar torna-se prazeroso e capaz de perseguir objetivos impossíveis aos olhos de todos, algo que se conquista através da autoavaliação do professor e sua dedicação a desempenhar métodos avaliativos adequados, tornando assim a avaliação da aprendizagem um processo mais dinâmico, onde professor e aluno possam atingir os objetivos da avaliação.

3.2 Sugestões de métodos avaliativos

Os métodos avaliativos, segundo Hoffman (1991), são relevantes no processo educacional, já que consiste em princípio no diagnóstico da situação em que os alunos se encontram. Após obtenção dos resultados, torna-se o guia para o planejamento das ações que serão desempenhadas na prática pedagógica para a melhora do ensino, pois avaliar exige antes de tudo a definição de critérios e posteriormente a escolha dos procedimentos a serem aplicados para o alcance das metas desejadas, sendo também imprescindível a definição dos fins, portanto, é preciso conhecer o aluno sua competência curricular, seu estilo de aprendizagem, interesses e técnicas de trabalho, em seguida, deve constatar o que está sendo aprendido, através de recolhimento de informações de forma contínua e utilizando diversos procedimentos metodológicos, em grupo e individual, adequando o processo de ensino, tendo em vista os objetivos propostos e fazer uma análise e reflexão sobre o alcance dos mesmos

com o intuito de determinar a posição do aluno ao longo da sua jornada educativa, identificando as dificuldades e demonstrando as soluções. No entanto a liderança do educador é de suma importância já que o foco é a aprendizagem do educando. Se não houver liderança, não haverá competência nem alinhamento no processo.

Nesse sentido, quando o ato de avaliar estar associado à construção de habilidades torna - se um auxílio para saber quais objetivos foram atingidos, quais ainda faltam e quais as interferências do professor para ajudar o aluno, já que o desenvolvimento das competências e habilidades deve ser a meta de cada educador.

Nesse contexto, vale lembrar que o processo de avaliação deve ser motivador e integrador, e permitir, além de diagnosticar o “erro”, ajudar o aluno a reformular suas hipóteses e seus saberes. O aluno que “erra” está testando hipóteses não adequadas, mas nem por isso deixa de participar da construção do conhecimento.

No que se refere à avaliação formativa, entende-se que devem ser considerados os procedimentos e as estratégias dos alunos, os resultados finais, os avanços, as conquistas que os alunos apresentam, as necessidades de aprendizagem que ainda existem, enfocando cada vez mais o aspecto qualitativo de processo de aprendizado. Sendo assim, o primeiro ponto que deve ser compreendido, quanto ao processo de avaliação, é que o ato de avaliar não deve ser apenas o de julgar os erros e os acertos, devem servir como um modo de fazer os alunos amadurecerem, construírem novos conhecimentos e evoluírem. A avaliação contribui para promover aprendizagens significativas. Ao avaliar o aluno, avalia-se a atuação do professor, portanto, devem-se criar estratégias interativas e diversificadas que visem o desenvolvimento de todos.

Sabe-se que através da avaliação o educando deve compreender quais objetivos conseguiu alcançar e quais ainda necessitam ser alcançados. Para isso, é necessário que o professor seja mediador desse processo e percorra o caminho da aprendizagem junto com o aluno, refletindo e buscando o melhor junto com ele. Por isso, é importante que ela seja um processo contínuo, que busque a melhoria do aprendizado e que tenha os critérios bem definidos para o processo. Considerando que os alunos possuem ritmos de aprendizagem diferentes, os instrumentos utilizados para avaliá-los devem ser diversificados de maneira a contemplar a heterogeneidade.

No que se refere às formas de avaliação da aprendizagem, a seguir, encontram-se algumas sugestões de avaliação que podem ser praticadas em sala de aula, segundo a Revista Nova Escola (ano XVI, nº 147, Novembro, 2001):

3.2.1 Formas de avaliação da aprendizagem (definição – função – vantagens – atenção)

Prova objetiva

Lista de perguntas em que o aluno deve indicar a única resposta correta. Calcular quantas informações específicas do conteúdo o aluno conseguiu assimilar. É possível abranger grande parte do conteúdo, é fácil de preparar e os alunos estão familiarizados. Não permite avaliar o quanto o aluno aprendeu e pode ser respondida sem reflexão, de memória.

Prova dissertativa

Lista de perguntas que explora habilidades como leitura, interpretação, análise e síntese. Analisar a capacidade dos alunos em utilizar essas habilidades, formular ideias e expressar por escrito. Permite avaliar o raciocínio dos alunos, além da capacidade de organização e expressão de suas ideias. Envolve menos conteúdo.

Trabalho em grupo

Atividades diversificadas realizadas coletivamente. Contribui para o desenvolvimento da socialização e de atitudes cooperativas entre outros. Favorece o trabalho com vários conteúdos em tempo menor e o trabalho organizado em classes numerosas. Não deve ser a única forma de avaliação em detrimento das atividades individuais, e exige que o professor pesquise informações para orientar as equipes.

Debate

Troca de ideias entre os alunos acerca de um assunto polêmico. Defender as próprias opiniões, por meio da argumentação baseada na análise e na reflexão crítica. Contribui para o desenvolvimento da oralidade e de atitudes de respeito pela diversidade. O professor deve atuar como mediador, priorizando o fluxo de informações, sem indicar “vencedores”.

Relatório individual

Texto produzido pelo aluno depois de alguma atividade prática ou projeto. Verificar se houve aprendizagem e se os alunos são capazes de expressá-la em forma de texto. Favorece a identificação do real nível de aprendizagem do conteúdo. O professor deve evitar julgar a opinião do aluno.

Observação

Análise do desempenho dos alunos na realização de atividades cotidianas ou em situações planejadas. Acompanhar o desenvolvimento do aluno de maneira mais abrangente. Permite acompanhar as etapas de desenvolvimento do processo de construção do conhecimento dos alunos. Deve-se estar atento para que não sejam feitas generalizações e julgamento subjetivos. Por isso, exige anotações pontuais e constantes.

Além da avaliação feita pelo professor, pode-se orientar os alunos a realizarem uma autoavaliação de seus trabalhos. No momento de análise de desenvolvimento do aluno é preciso considerar as dúvidas que consegue explicitar, as tentativas que faz para realizar as atividades propostas, as interações que ocorrem com os parceiros, a conscientização dos progressos que realiza e do que precisa rever para ser aprendido.

Para a avaliação da aprendizagem dos alunos, é necessária a organização de situações no início do processo com a finalidade de mapear os conhecimentos que os alunos têm referente ao assunto. Essa investigação, permite saber de onde parte a aprendizagem que se pretende, verificando como a aprendizagem está progredindo, considerando as diferenças individuais. Embora ensino e aprendizagem sejam processos articulados, são diferentes e, portanto, é preciso observá-los separadamente.

Em relação à avaliação do ensino é preciso analisar se os agrupamentos favorecem à realização das atividades e o avanço dos alunos, se a organização do espaço e a organização dos materiais favorecem o desenvolvimento das atividades, se os conhecimentos prévios dos alunos foram considerados na resolução dos problemas colocados, se os questionamentos, informações e intervenções, em geral, favorecem a aprendizagem, já que as ações dos alunos deverão ser avaliadas cotidianamente, em que serão promovidas intervenções pelos educadores, caso necessário.

Neste sentido, os métodos avaliativos estão relacionados aos objetivos do educador. Se na realização de uma atividade o objetivo for a aprendizagem, os alunos podem trocar informações entre si e recorrer a diferentes formas de consulta. Mas, se o objetivo é descobrir o que cada aluno sabe individualmente, essas estratégias sofrem alterações.

Nesse aspecto depreende-se, portanto, que a avaliação é parte da ação pedagógica, que auxilia na reflexão sobre o processo de aprendizagem e o redimensionamento do planejamento. Por isso, a avaliação é um processo contínuo e deve se converter em atividade rotineira, motivando o aluno a tornar-se sujeito de sua própria aprendizagem. Contudo,

quando a avaliação ocorre de forma processual comparam-se os resultados e registram-se os avanços e os problemas que necessitam de superação, a partir daí a avaliação torna algo vivo e dinâmico.

É indispensável pensar na finalidade da avaliação, pois a mesma não é apenas uma forma de verificar os conhecimentos, mas uma oportunidade com base em informações coletadas em vários momentos do processo de trabalho, fazer novas e diferenciadas intervenções, ajustes ou modificações de nossos planos. De fato, a avaliação é uma fonte de informação não só para o professor, mas também para os alunos, que precisam ser orientados quanto a seu próprio processo de aprendizagem.

Isso significa que a avaliação não deve se resumir a apenas um instrumento, como uma prova, mas que deve ser feita em vários momentos e contar com variados instrumentos que permitam um melhor acompanhamento do processo ensino-aprendizagem.

Outro aspecto fundamental refere-se à definição de critérios de avaliação, que servirão como referência para a preparação de instrumentos adequados aos objetivos e a observação diária dos alunos que devem ser coerentes com objetivos colocados e com todo o trabalho realizado no dia-a-dia escolar. Assim, os diversos conteúdos trabalhados podem servir de base para a definição de critérios e para a escolha de instrumentos de avaliação diversificados.

4 O ATO DE AVALIAR A APRENDIZAGEM

Sabe-se que a avaliação da aprendizagem escolar se faz presente na vida de todos nós que, de alguma forma, estamos comprometidos com atos e práticas educativas. Pais, educadores, educandos, gestores das atividades educativas públicas e particulares, administradores da educação, todos, estamos comprometidos com esse fenômeno que cada vez mais ocupa espaço em nossas preocupações educativas. O que se deseja é uma melhor qualidade de vida. No caso deste texto, compreende-se a avaliação da aprendizagem como um recurso pedagógico útil e necessário para auxiliar cada educador e cada educando na busca e na construção de si mesmo e do seu melhor modo de ser na vida.

A avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos. Chega de confundir avaliação da aprendizagem com exames. A avaliação da aprendizagem, por ser avaliação é segundo Luckesi (1984, amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva, diversa dos exames, que não são amorosos, são excludentes, não são construtivos, mas classificatórios. A avaliação inclui, traz para dentro; os exames selecionam, excluem, marginalizam. No que se segue, apresentam-se aos leitores alguns entendimentos básicos para compreender e praticar a avaliação da aprendizagem como avaliação e não, equivocadamente, como exames.

O ato de avaliar, devido a estar a serviço da obtenção do melhor resultado possível, antes de tudo, implica a disposição de acolher. Isso significa a possibilidade de tomar uma situação da forma como se apresenta, seja ela satisfatória ou insatisfatória, agradável ou desagradável, bonita ou feia. Ela é assim, nada mais. Acolhê-la como está é o ponto de partida para se fazer qualquer coisa que possa ser feita com ela. Avaliar um educando implica, antes de qualquer coisa, acolhê-lo no seu ser e no seu modo de ser, como está, para, a partir daí, decidir o que fazer.

A disposição de acolher está no sujeito do avaliador, e não no objeto da avaliação. O avaliador é o adulto da relação de avaliação, por isso deve possuir a disposição de acolher.

Ele é o detentor dessa disposição. E, sem ela, não há avaliação. Não é possível avaliar um objeto, uma pessoa ou uma ação, caso ela seja recusada ou excluída, desde o início, ou mesmo julgada previamente. Que mais se pode fazer com um objeto, ação ou pessoa que foram recusados, desde o primeiro momento? Nada, com certeza! Imagine-se um médico que não tenha a disposição para acolher o seu cliente, no estado em que está; um empresário que não tenha a disposição para acolher a sua empresa na situação em que está;

um pai ou uma mãe que não tenha a disposição para acolher um filho ou uma filha em alguma situação embaraçosa em que se encontra. Ou imagine-se cada indivíduo sem disposição para acolher outra pessoa no estado em que se encontra. As doenças, muitas vezes, não podem mais sofrer qualquer intervenção curativa adequada devido ao fato de que a pessoa, por vergonha, por medo social ou por qualquer outra razão, não pode acolher o seu próprio estado pessoal, protelando o momento de procurar ajuda, chegando ao extremo de 'já não ter muito mais o que fazer!'.

A disposição para acolher é, portanto, o ponto de partida para qualquer prática de avaliação. É segundo Luckesi (1984), um estado psicológico oposto ao estado de exclusão, que tem na sua base o julgamento prévio. O julgamento prévio está sempre na defesa ou no ataque, nunca no acolhimento. A disposição para julgar previamente não serve a uma prática de avaliação, porque exclui. Para ter essa disposição para acolher, importa estar atento a ela. Uma pessoa não nasce naturalmente com tal disposição, mas sim a constrói, a desenvolve, estando atento ao modo como se recebe as coisas. Se antes de ouvir ou ver alguma coisa a pessoa já estar julgando, positiva ou negativamente, com certeza, não será capaz de acolher. A avaliação só propiciará condições para a obtenção de uma melhor qualidade de vida se estiver assentada sobre a disposição para acolher, pois é a partir daí que se pode construir qualquer coisa que seja.

4.1 Uma compreensão do ato de avaliar

Assentado no ponto de partida acima estabelecido, o ato de avaliar implica dois processos articulados e indissociáveis: diagnosticar e decidir. Não é possível uma decisão sem um diagnóstico, e um diagnóstico, sem uma decisão é um processo abortado.

Em primeiro lugar, segundo Luckesi (1984), vem o processo de diagnosticar, que se constitui de uma constatação e de uma qualificação do objeto da avaliação. Antes de tudo, portanto, é preciso constatar o estado de alguma coisa (um objeto, um espaço, um projeto, uma ação, a aprendizagem, uma pessoa...), tendo por base suas propriedades específicas. Por exemplo, constata-se a existência de uma cadeira e seu estado, a partir de suas propriedades 'físicas' (suas características): ela é de madeira, com quatro pernas, tem o assento estofado, de cor verde... A constatação sustenta a configuração do 'objeto', tendo por base suas propriedades, como estão no momento. O ato de avaliar, como todo e qualquer ato de

conhecer, inicia-se pela constatação, que dá a garantia de que o objeto é como é. Não há possibilidade de avaliação sem a constatação.

Sabe-se, segundo Luckesi (1984) que a constatação oferece a 'base material' para a segunda parte do ato de diagnosticar, que é qualificar, ou seja, atribuir uma qualidade, positiva ou negativa, ao objeto que está sendo avaliado. No exemplo anterior, qualifica-se a cadeira como satisfatória ou insatisfatória, tendo por base as suas propriedades atuais. Só a partir da constatação, é que qualificamos o objeto de avaliação. A partir dos dados constatados é que lhe atribuímos uma qualidade. Entretanto, essa qualificação não se dá no vazio. Ela é estabelecida a partir de um determinado padrão, de um determinado critério de qualidade que temos, ou que estabelecemos, para este objeto.

No caso da cadeira, conforme Luckesi (1984) ela está sendo qualificada de satisfatória ou insatisfatória em função do quê? Ela, no caso, será satisfatória ou insatisfatória em função da finalidade à qual vai servir. Ou seja, o objeto da avaliação está envolvido em uma tessitura cultural (teórica), compreensiva, que o envolve. Mantendo o exemplo acima, a depender das circunstâncias onde esteja a cadeira, com suas propriedades específicas, ela será qualificada de positiva ou de negativa. Assim sendo, uma mesma cadeira poderá ser qualificada como satisfatória para um determinado ambiente, mas insatisfatória para outro ambiente, possuindo as mesmas propriedades específicas.

Desde que diagnosticado um objeto de avaliação, ou seja, configurado e qualificado, há algo, obrigatoriamente, a ser feito, uma tomada de decisão sobre ele, pois segundo Luckesi (1984), o ato de qualificar, por si, implica uma tomada de posição – positiva ou negativa –, que, por sua vez, conduz a uma tomada de decisão. Caso um objeto seja qualificado como satisfatório, o que fazer com ele? Caso seja qualificado como insatisfatório, o que fazer com ele? O ato de avaliar não é um ato neutro que se encerra na constatação. Ele é um ato dinâmico, que implica na decisão de 'o que fazer'. Sem este ato de decidir, o ato de avaliar não se completa. Ele não se realiza. Chegar ao diagnóstico é uma parte do ato de avaliar. A situação de 'diagnosticar sem tomar uma decisão' assemelha-se à situação do naufrago que, após o naufrágio, nada com todas as suas forças para salvar-se e, chegando às margens, morre, antes de usufruir do seu esforço. Diagnóstico sem tomada de decisão é um curso de ação avaliativa que não se completou. Como a qualificação, a tomada de decisão também não se faz num vazio teórico.

Toma-se decisão em função de um objetivo que se tem a alcançar, pois de acordo com Luckesi (1984) um médico toma decisões a respeito da saúde de seu cliente em função

de melhorar sua qualidade de vida; um empresário toma decisões a respeito de sua empresa em função de melhorar seu desempenho; um cozinheiro toma decisões a respeito do alimento que prepara em função de dar-lhe o melhor sabor possível, e assim por diante.

Em síntese, avaliar é um ato pelo qual, através de uma disposição acolhedora, qualificamos alguma coisa (um objeto, ação ou pessoa), tendo em vista, de alguma forma, tomar uma decisão sobre ela. Quando atuamos junto a pessoas, a qualificação e a decisão necessitam ser dialogadas. O ato de avaliar não é um ato impositivo, mas sim um ato dialógico, amoroso e construtivo. Desse modo, a avaliação é uma auxiliar de uma vida melhor, mais rica e mais plena, em qualquer de seus setores, desde que constata, qualifica e orienta possibilidades novas e, certamente, mais adequadas, porque assentadas nos dados do presente.

4.2 Avaliação da aprendizagem escolar

Quem ensina oferece-se como modelo identificatório. Não se aprende por imitação, querendo fazer o mesmo que o outro faz. Aprende-se querendo parecer-se com quem nos ama e com quem amamos. Precisamos querer parecer-nos com o outro, que esse outro nos aceite como semelhantes, para podermos desejar, diferenciar-nos deles, com menos culpa, ou melhor ainda. Podendo elaborar a culpa por nos diferenciar. (FERNANDES, 2001: 40).

Aqui, o autor mostra que o professor deve encarar a avaliação da aprendizagem como um processo contínuo e prazeroso, pois dessa forma o aluno, ao ser avaliado, demonstra que realmente aprendeu o que lhe foi repassado. É importante dizer que quando o professor desenvolve seu trabalho com amor, os resultados fluem mais, uma vez que a avaliação da aprendizagem não deve acontecer apenas visando à nota do aluno, mas, sobretudo, verificar se o aprendizado aconteceu.

Contudo, transpondo-se o conceito da avaliação para a compreensão da avaliação da aprendizagem escolar e tomando as elucidações conceituais anteriores, observou-se passo a passo cada um dos elementos da avaliação da aprendizagem escolar, como se pode perceber a seguir.

Partiu-se do seguinte passo: pela disposição de acolher. Para se processar a avaliação da aprendizagem, o educador necessita dispor-se a acolher o que está acontecendo. Certamente o educador poderá ter alguma expectativa em relação a possíveis resultados de sua atividade, mas necessita estar disponível para acolher seja lá o que for que estiver acontecendo. Isso não quer dizer que 'o que está acontecendo' seja o melhor estado da situação

avaliada. Importa estar disponível para acolhê-la do jeito em que se encontra, pois só a partir daí é que se pode fazer alguma coisa. Mas: no caso da aprendizagem, como se trabalha com uma pessoa – o educando –, importa acolhê-lo como ser humano, na sua totalidade e não só na aprendizagem específica que se esteja avaliando, tais como: a língua portuguesa, matemática, geografia dentre outras.

Acolher o educando, segundo Luckesi (2002), eis o ponto básico para proceder a atividades de avaliação, assim como para proceder a toda e qualquer prática educativa. Sem acolhimento, tem-se a recusa. E a recusa significa a impossibilidade de estabelecer um vínculo de trabalho educativo com quem está sendo recusado.

Conforme Luckesi (2002), a recusa pode se manifestar de muitos modos, desde os mais explícitos até os mais sutis. A recusa explícita se dá quando se deixa claro que se está recusando alguém. Porém, existem modos sutis de recusar, tal como no exemplo seguinte. Só para si, em seu interior, sem dizer nada para ninguém, julga-se que um aluno “X” ‘é do tipo que dá trabalho e que não vai mudar’. Esse juízo, por mais silencioso que seja em cada indivíduo, está lá colocando esse educando de fora. E, por mais que pareça que não, estará interferindo na relação desse indivíduo com ele. Ele sempre estará fora do círculo de relações. Acolhê-lo significa estar aberto para recebê-lo como é. E só vendo a situação como é, pode-se compreendê-la para, dialogicamente, ajudá-lo. Isso não quer dizer aceitar como certo tudo que vem do educando. Acolher, neste caso, significa a possibilidade de abrir espaço para a relação, que, por si mesma, terá confrontos, que poderão ser de aceitação, de negociação, de redirecionamento. Por isso, a recusa consequentemente impede as possibilidades de qualquer relação dialógica, ou seja, as possibilidades da prática educativa. O ato de acolher é um ato amoroso, que traz ‘para dentro’, para depois (e só depois) verificar as possibilidades do que fazer.

De acordo com Luckesi (2002), assentados no acolhimento do educando, pode-se praticar todos os atos educativos, inclusive a avaliação. E, para avaliar, o primeiro ato básico é o de diagnosticar, que implica como seu primeiro passo, coletar dados relevantes, que configurem o estado de aprendizagem do educando ou dos educandos. Para tanto, necessita-se instrumentos. Aqui, se mostra três pontos básicos a levar em consideração: 1) dados relevantes; 2) instrumentos; 3) utilização dos instrumentos.

Cada um desses pontos, conforme Luckesi (2002), merece atenção e que os dados coletados para a prática da avaliação da aprendizagem não podem ser quaisquer. Deverão ser coletados os dados essenciais para avaliar aquilo que estamos pretendendo avaliar. São os

dados que caracterizam especificamente o objeto em pauta de avaliação. Ou seja, a avaliação não pode assentar-se sobre dados secundários do ensino-aprendizagem, mas, sim, sobre os que efetivamente configuram a conduta ensinada e aprendida pelo educando. Caso esteja avaliando aprendizagens específicas de matemática, dados sobre essa aprendizagem devem ser coletados e não outros; e, assim, de qualquer outra área do conhecimento.

Dados essenciais são aqueles que estão definidos no planejamento de ensino, a partir de uma teoria pedagógica, e que foram traduzidos em práticas educativas nas aulas. Isso implica que o planejamento de ensino necessita ser produzido de forma consciente e qualitativamente satisfatória, tanto do ponto de vista científico como do ponto de vista político-pedagógico. Por outro lado, os instrumentos de avaliação da aprendizagem, também, não podem ser quaisquer instrumentos, mas sim os adequados para coletar os dados que necessários para configurar o estado de aprendizagem do educando. Isso implica que os instrumentos: a) sejam adequados ao tipo de conduta e de habilidade que se está avaliando (informação, compreensão, análise, síntese, aplicação...); b) sejam adequados aos conteúdos essenciais planejados e, de fato, realizados no processo de ensino (o instrumento necessita cobrir todos os conteúdos que são considerados essenciais numa determinada unidade de ensino aprendizagem; c) adequados na linguagem, na clareza e na precisão da comunicação (importa que o educando compreenda exatamente o que se está pedindo dele); adequados ao processo de aprendizagem do educando (um instrumento não deve dificultar a aprendizagem do educando, mas, ao contrário, servir-lhe de reforço do que já aprendeu. Responder as questões significativas significa aprofundar as aprendizagens já realizadas.).

Um instrumento de coleta de dados, segundo Luckesi (2002), pode ser desastroso, do ponto de vista da avaliação da aprendizagem, como em qualquer avaliação, na medida em que não colete, com qualidade, os dados necessários ao processo de avaliação em curso. Um instrumento inadequado ou defeituoso pode distorcer completamente a realidade e, por isso, oferecer base inadequada para a qualificação do objeto da avaliação e, conseqüentemente, conduzir a uma decisão também distorcida.

Será que os instrumentos de avaliação da aprendizagem, utilizados no cotidiano da escola, são suficientemente adequados para caracterizar os educandos? Será que eles coletam os dados que devem ser coletados? Será que eles não distorcem a realidade da conduta dos alunos, conduzindo quem avalia a juízos distorcidos?

Quaisquer que sejam os instrumentos – provas, testes, redação, monografia, dramatização, exposição oral, arguição, etc. – necessitam manifestar qualidade satisfatória

como instrumento para ser utilizado na avaliação da aprendizagem escolar, sob pena de qualificar inadequadamente os alunos e, conseqüentemente, praticando injustiças. Muitas vezes, os estudantes são competentes em suas habilidades, mas os instrumentos de coleta de dados são inadequados e, por isso, são julgados incorretamente, como incompetentes. Na verdade, o defeito está nos instrumentos que o professor utiliza, e não no seu desempenho. Bons instrumentos de avaliação da aprendizagem são condições de uma prática satisfatória de avaliação na escola.

Ainda uma palavra sobre o uso dos instrumentos. Como o professor se utiliza dos instrumentos de avaliação, no caso da avaliação da aprendizagem? Eles são utilizados, verdadeiramente, como recursos de coleta de dados sobre a aprendizagem dos educandos, ou são utilizados como recursos de controle disciplinar, de ameaça e submissão dos alunos aos desejos do professor? Pode-se utilizar um instrumento de avaliação junto aos educandos, simplesmente, como um recurso de coletar dados sobre suas condutas aprendidas ou pode-se utilizar esse mesmo instrumento como recurso de disciplinamento externo e aversivo, através da ameaça da reprovação, da geração do estado de medo, da submissão, e outros.

Conforme Luckesi (2002), vale questionar: Afinal, aplicam-se os instrumentos com disposição de acolhimento ou de recusa dos alunos? Ao se aplicar os instrumentos de avaliação, cria-se um clima leve entre os estudantes ou pesaroso e ameaçador? Aplicar instrumentos de avaliação exige muitos cuidados para que não distorçam a realidade, desde que os educandos são seres humanos e, nessa condição, estão submetidos às múltiplas variáveis intervenientes em experiências de vida do professor.

Coletados os dados através dos instrumentos, como o professor os utiliza? Os dados coletados devem retratar o estado de aprendizagem em que o educando se encontra. Isto feito importa saber se este estado é satisfatório ou não. Daí, então, a necessidade que se tem de qualificar a aprendizagem, manifestada através dos dados coletados. Para isso, necessita-se de utilizar um padrão de qualificação. O padrão, ao qual deve se comparar o estado de aprendizagem do educando, é estabelecido no planejamento de ensino, que, por sua vez, está sustentado em uma teoria do ensino. Assim, importa, para a prática da qualificação dos dados de aprendizagem dos educandos, tanto a teoria pedagógica que a sustenta, como o planejamento de ensino que se fez. A teoria pedagógica dá o norte da prática educativa e o planejamento do ensino faz a mediação entre a teoria pedagógica e a prática de ensino na aula. Sem eles, a prática da avaliação escolar não tem sustentação.

Deste modo, caso se utilize uma teoria pedagógica que considere que a retenção da informação basta para o desenvolvimento do educando, os dados serão qualificados diante desse entendimento. Porém, caso a teoria pedagógica utilizada tenha em conta que, para o desenvolvimento do educando, importa a formação de suas habilidades de compreender, analisar, sintetizar, aplicar..., os dados coletados serão qualificados, positiva ou negativamente, diante dessa exigência teórica.

Assim, para qualificar a aprendizagem dos educandos, importa, de um lado, ter clara a teoria que se utiliza como suporte da prática pedagógica, e, de outro, o planejamento de ensino, que se estabelece como guia para a prática de ensinar no decorrer das unidades de ensino do ano letivo. Sem uma clara e consistente teoria pedagógica e sem um satisfatório planejamento de ensino, com sua consequente execução, os atos avaliativos serão praticados aleatoriamente, de forma mais arbitrária do que o que são em sua própria constituição. Serão praticados sem vínculos com a realidade educativa dos alunos.

Realizados os passos anteriores, chegou-se ao diagnóstico. Ele é a expressão qualificada da situação, pessoa ou ação que se está avaliando. Tem-se, pois, uma situação qualificada, um diagnóstico. O que fazer com ela?

O ato avaliativo só se completará, como foi dito, segundo Luckesi (1984), nas preliminares deste estudo, com a tomada de decisão do que fazer com a situação diagnosticada.

Caso a situação de aprendizagem diagnosticada seja satisfatória, o que deve-se fazer com ela? Caso seja insatisfatória, o que fazer com ela? A situação diagnosticada, seja ela positiva ou negativa, e o ato de avaliar, para se completar, necessita da tomada de decisão. A decisão do que fazer se impõe no ato de avaliar, pois, em si mesmo, ele contém essa possibilidade e essa necessidade. A avaliação não se encerra com a qualificação do estado em que está o educando ou os educandos. Ela obriga a decisão, não é neutra. A avaliação só se completa com a possibilidade de indicar caminhos mais adequados e mais satisfatórios para uma ação, que está em curso. O ato de avaliar implica a busca do melhor e mais satisfatório estado daquilo que está sendo avaliado.

A avaliação da aprendizagem, deste modo, possibilita levar à frente uma ação que foi planejada dentro de um arcabouço teórico, assim como político. Não será qualquer resultado que satisfará, mas sim um resultado compatível com a teoria e com a prática pedagógica que se esteja utilizando.

Em síntese, avaliar a aprendizagem escolar de acordo com Luckesi (1984), implica estar disponível para acolher os educandos no estado em que estejam, para, a partir daí, poder auxiliá-los em sua trajetória de vida. Para tanto, necessita-se de cuidados com a teoria que orienta as práticas educativas, assim como de cuidados específicos com os atos de avaliar que, por si, implicam em diagnosticar e renegociar permanentemente o melhor caminho para o desenvolvimento, o melhor caminho para a vida. Por conseguinte, a avaliação da aprendizagem escolar não implica aprovação ou reprovação do educando, mas sim orientação permanente para o seu desenvolvimento, tendo em vista tornar-se o que o seu SER pede.

Concluindo, a qualidade de vida deve estar sempre posta à frente de todos. Ela é o objetivo. Não vale a pena o uso de tantos atalhos e tantos recursos, caso a vida não seja alimentada tendo em vista o seu florescimento livre, espontâneo e criativo. A prática da avaliação da aprendizagem, conforme Luckesi (1984) para manifestar-se como tal, deve apontar para a busca do melhor de todos os educandos, por isso é diagnóstica, e não voltada para a seleção de uns poucos, como se comportam os exames. Por si, a avaliação, como foi dito, é inclusiva e, por isso mesmo, democrática e amorosa. Por ela, por onde quer que se passe, não há exclusão, mas sim diagnóstico e construção. Não há submissão, mas sim liberdade. Não há medo, mas sim espontaneidade e busca. Não há chegada definitiva, mas sim travessia permanente, em busca do melhor. Sempre!

5 PERCURSO METODOLÓGICO

5.1 O ponto de partida: o problema

A opção por esse tema deu-se por sentir-se a necessidade de buscar e questionar sobre a prática avaliativa no Ensino Fundamental, especificamente nas turmas de 6º ao 9º ano e consequentemente auxiliar o educador nesse processo, tendo em vista a sua responsabilidade quanto o desenvolvimento cognitivo de cada educando.

O coordenador pedagógico, ao tomar conhecimento da metodologia usada pelos professores para avaliar os alunos e após perceber o índice elevado de notas baixas percebeu que a mesma necessitava de um redimensionamento, ou seja, de uma revisitação. Partindo desse problema resolveu mobilizar todos os professores no sentido de reverem sua prática no que se refere à avaliação da aprendizagem.

Esse problema serviu para o pesquisador pautar sua investigação e a observação no cotidiano da Unidade Escolar Zezinho Dondon (localidade Seriema, Boa Hora – PI), tendo como principais objetivos: mostrar como minimizar as dificuldades dentro do processo avaliativo; apontar estratégias que facilitem a prática da avaliação da aprendizagem; analisar as sugestões de avaliação para o Ensino Fundamental; explicitar formas de auxiliar os professores na prática avaliativa; identificar fatores prejudiciais à prática da avaliação da aprendizagem; dar sugestões de melhoria para a prática da avaliação da aprendizagem e refletir por que a maioria dos professores ainda demonstra dificuldades quanto à realização da avaliação da aprendizagem dos alunos.

5.2 O tipo de pesquisa

A pesquisa foi do tipo: qualitativa e de campo, numa abordagem bibliográfica e descritiva. Para se atingir os objetivos propostos neste estudo, escolheu-se a abordagem qualitativa e quantitativa para detalhar e caracterizar a coleta de dados de forma real, levando em consideração a relevância da presença do pesquisador para que pudesse ocorrer uma aferição mais precisa sobre as problemáticas elegidas, optou-se pela pesquisa de campo, realizando assim uma abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa segundo Oliveira (1997, p.117): “possui a facilidade de poder descrever a complexidade do problema e apresenta a forma adequada para entender a relação de causa e efeito do fenômeno e consequentemente chegar à sua verdade e razão”.

Observou-se que através da pesquisa de campo sobre a avaliação da aprendizagem dos alunos, obteve-se dados que de outro modo não seriam acessíveis. Segundo Marconi (2006, p.83) a pesquisa de campo se justifica também por: “conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar ou ainda descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

Na pesquisa de campo, observou-se as seguintes etapas em conformidade com as destacadas por Gil (2002, p. 58): elaboração do projeto inicial; exploração preliminar; formulação do projeto de pesquisas; pré-texto dos instrumentos e procedimentos de pesquisa; coleta de dados; análise do material e redação da monografia.

A abordagem bibliográfica foi feita a partir de livros, revistas, dissertações e teses que tratavam da questão da avaliação da aprendizagem dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental que segundo Gil (2005, p. 65) “compreende que a pesquisa bibliográfica permite ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que poderia pesquisar diretamente”.

Ainda segundo Gil (2002), percebe que o mesmo chama atenção para as etapas que envolvem uma abordagem bibliográfica satisfatória, destacando como passos essenciais: a escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório do assunto; busca das fontes; leitura do material; fichamento; organização lógica do assunto e redação da monografia.

5.3 Procedimentos para coleta de dados

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas e questionários junto aos professores, alunos e pais, tendo como instrumento de pesquisa, um questionário com perguntas fechadas e objetivas. “O questionário como instrumento de pesquisa ressalva o informante de explicações adicionais ao pesquisador quanto às informações coletadas, porque se constitui de perguntas fechadas destinadas à marcação por escolha com opções limitadas” (ANDRADE, 2006).

O questionário é a forma mais utilizada para coletar dados por possibilitar, medir com mais exatidão o que se deseja. “É um importante instrumento da pesquisa quantitativa

porque se utiliza, geralmente, de perguntas fechadas, padronizadas, de fácil aplicação e acesso” (CERVO, BERVIAN, SILVA, 2007), o que, segundo Andrade (2006), facilita a apuração dos fatos, bem como a tabulação das análises. A linguagem deve ser clara e adequada à escolarização dos informantes, bem como considerado o seu nível intelectual e cultural, garantindo o alcance dos objetivos da pesquisa.

Os dados foram coletados no mês de março de 2012, período em que se realizavam as primeiras atividades da sala ambiente Metodologia do Trabalho Científico do presente curso. Primeiramente, fez-se uma reunião com todos os professores para esclarecimento relacionados à pesquisa e contato para agendamento da distribuição dos questionários e definição da data de recebimento destes devidamente preenchidos para coleta de dados. Da mesma forma, com os pais. Com os alunos, distribuíram-se os questionários durante as aulas. Não houve diferenciação de gênero ou idade dos participantes, no entanto constituíram a amostra representante dos três segmentos: professores, alunos e pais de alunos.

Os dados coletados foram organizados em tabelas e gráficos e analisados e discutidos à luz da literatura pertinente à temática, porém apresentou-se apenas a figura da tabela e os gráficos não aparecem na monografia, mas apresentou-se a análise dos mesmos.

Sabe-se segundo Andrade (2006) que na fase da análise, os números índices, quadros e gráficos, ou seja, a codificação é de grande importância porque permite a concentração de um maior número de informações no mesmo espaço; permite a visualização do objeto estudado por meio da representação figurada e facilita as comparações de números simplificando as informações e ao mesmo tempo facilitando as interpretações.

5.4 O universo da pesquisa e os sujeitos da investigação

O universo do estudo da pesquisa é formado por professores, pais e alunos do Ensino Fundamental (6º ao 8º ano) da Unidade Escolar Zezinho Dondon, escola municipal, situada na localidade Seriema, município de Boa Hora – PI.

Os sujeitos da pesquisa foram constituídos por estudantes das turmas de 6º, 7º e 8º ano, pais de alunos e professores da referida escola. Não houve exclusão, visto que os participantes responderam o questionário de forma completa, os alunos foram autorizados pelos pais ou responsáveis e todos os indivíduos abordados, por opção pessoal, simplesmente concordaram em participar do estudo.

5.5 Caracterização da escola

Atualmente, essa escola é composta por 165 alunos, 15 funcionários sendo 10 professores e 04 servidores gerais (equipe de apoio) e 01 diretora. O coordenador pedagógico não é exclusivo, o mesmo coordena quatro escolas.

Há na escola: um laboratório de informática (sem internet) com 05 computadores e uma impressora para uso dos alunos, um computador com uma impressora multifuncional e um notebook para uso pedagógico; cantina com fogão semi-industrial, salas de aula equipadas com carteiras e quadros de giz, quadro de acrílico, ventiladores, professores habilitados a exercer suas funções, profissionais na área de ensino. Esses professores ministram aulas no Ensino Fundamental de 1º ao 8º ano do Ensino Fundamental.

A Unidade Escolar Zezinho Dondon vem trabalhando numa perspectiva de uma educação inclusiva, visando atender a todos os alunos, incluindo aqueles que são portadores de necessidades especiais. Para isso, a escola conta com o apoio da Secretaria Municipal de Saúde, que ultimamente vem intensificando o programa saúde na escola.

Percebem-se vários pontos importantes no desenvolvimento da educação praticada nessa instituição de ensino: a equidade, isto é, aqui se busca propiciar as condições de acesso, permanência e sucesso no processo educacional. Isso está nas mãos dos educadores, pais e outras pessoas da sociedade, que hoje estabelecem uma nova forma de vida inspirada em uma cultura de paz, amor, cooperação, disciplina, justiça, esperança, lealdade, otimismo e compromisso.

A Unidade Escolar Zezinho Dondon, ocupa uma área bem ampla, com uma área livre também extensa, construída em apenas um pavilhão, 03 salas de aula, 01 sala de direção climatizada, uma sala de informática, dois banheiros, uma cantina com depósito e um pátio interno coberto.

A referida unidade escolar fica localizada entre o rio Corrente e a sede do município (Boa Hora), na estrada que liga Boa Hora a Barras e a Piripiri. É uma escola murada. Na área externa, acontece a recreação, jogos; no pátio interno, são realizadas atividades como reuniões com pais e mestres, danças, teatro e outras atividades escolares.

Ainda no que diz respeito aos recursos disponíveis na escola, além dos recursos de informática, vale dizer que a mesma possui uma TV com antena parabólica, uma TV com antena via - Embratel, um aparelho de DVD, um micro system e uma caixa de som amplificada. Tudo isso contribui muito para a dinamização das aulas.

A escola é contemplada com o PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola), PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola) e também é beneficiada com as ações do PAR do município (PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS). Todas as atividades que são desenvolvidas nessa escola estão contempladas em seu PPP (Projeto Político Pedagógico).

6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, descreveram-se a categoria e números de sujeitos pesquisados, através de uma tabela além de se mostrarem de forma qualificada e na sequência as análises das entrevistas realizadas aos pais, professores e alunos. Esse procedimento foi indispensável à produção do trabalho monográfico, pois permitiu ao pesquisador conhecer o posicionamento dos entrevistados acerca da avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental do 6º ao 8º ano.

A construção desta pesquisa contemplou a importância da avaliação da aprendizagem a partir do levantamento de informações por meio de entrevistas e aplicação de questionários, enfocando as opiniões dos professores, pais e educandos quanto à avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental.

6.1 Tabela

Número e percentual de entrevistados distribuídos em categorias da comunidade escolar:

CATEGORIA	Nº	%
Professor	05	12,5
Pais	10	25,0
Alunos	25	62,5
TOTAL	40	100,0

O universo deste estudo compreendeu 40 constituintes da comunidade escolar da Unidade Escolar Zezinho Dondon, localizada em um município do interior piauiense. Todos os indivíduos abordados aceitaram participar da pesquisa onde os dados da tabela acima provam que a distribuição da amostra se deu em três seguimentos, apresentando um número de 25 alunos, o que corresponde a 62,5% dos entrevistados, 05 professores (12,5%) e 10 pais (25%).

6.2 Análise das entrevistas realizadas aos pais

Os dados obtidos através de entrevistas e questionários realizados junto aos 10 (dez) pais que fizeram parte desta pesquisa encontram-se de acordo com a visão dos teóricos que estudaram sobre o tema em questão, os quais englobam as opiniões dos pais relacionados ao tema abordado.

Constatou-se que a maioria dos pais, orienta diariamente os filhos, para que possa ser facilitada a revisão de conteúdos na semana de avaliações, também como, forma de criar hábito de estudo e identificar eventuais dificuldades. Os outros pais afirmam não ajudar aos filhos em virtude de não saberem ler nem escrever, ou até mesmo por negligência. A participação dos pais é de fundamental importância para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma significativa, pois quando os pais interagem no processo de construção dos aspectos cognitivos dos seus filhos a aprendizagem se torna significativa e a avaliação diária e processual passa ser uma prática contínua, onde o educando está a cada dia avaliando os seus conhecimentos.

Observou-se que a maioria dos pais acredita que a nota é o reflexo real do aprendizado do aluno. Outra parte dos pais acredita que a nota não reflete a aprendizagem total, apenas parte daquilo que é retido no momento da avaliação. Já que vários fatores emocionais podem interferir na hora da avaliação. A avaliação não deve constituir apenas um momento, mas deve ser desenvolvida em sala de aula de forma processual e contínua.

Percebeu-se que a maioria dos pais expressa sentimento de tensão, preocupação e expectativa, com o resultado das notas dos filhos e que alguns pais têm preocupação com a autoestima do filho em relação aos colegas. No entanto, os pais devem incentivar os filhos a estudarem diariamente para chegar nos dias de provas de forma tranquila e sabedores dos conhecimentos construídos em sala de aula, assim, a aprendizagem será um processo significativo para professores, alunos e pais.

Segundo os pais, servem como forma de avaliar o conteúdo aprendido, incentivando-os na obtenção dos resultados satisfatórios e estabelecendo cobranças mais rígidas, pela falta de atenção, quando os resultados não são satisfatórios. Os resultados positivos geram bem-estar e tranquilidade e os negativos levam muitas vezes à repreensão e/ou punição.

A maioria dos pais não percebe alteração no estado emocional dos seus filhos na semana da avaliação. Outros verificam pequenas mudanças, como: preocupação com horário

de prova, com os resultados e com o tempo de execução. Para Luckesi (1984), pais, educadores, educandos, gestores, enfim, todos devem estar comprometidos com o fenômeno da aprendizagem.

6.3 Análise das entrevistas aos professores

Os dados coletados por meio de entrevistas a 05 (cinco) professores de 6º, 7º e 8º ano do Ensino Fundamental, que fizeram parte desta pesquisa, abordam as opiniões dos mesmos sobre o tema “Avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental do 6º ao 8º ano: dados para um redimensionamento”, principalmente nessas turmas.

Os professores demonstraram acreditar que as notas não refletem o nível de aprendizagem do aluno, mas apenas a reprodução do conhecimento (memorização) e/ou saber momentâneo, que a verdadeira avaliação ocorre no cotidiano de sala de aula em resolução de exercícios e trabalhos diversos.

Os professores afirmaram que a família tem uma grande participação no processo avaliativo, normatizando, estabelecendo regras para as tarefas e do estudo para as avaliações. O processo de aprendizagem, assim como, o processo avaliativo, sofrem interferências oriundas do meio familiar. Nesse contexto, os professores relataram ainda que o bom aproveitamento ocorre mediante o dinamismo das aulas, com a utilização dos mais variados recursos, contextualizando a teoria com a realidade vivenciada pelos alunos, despertando, desta forma, o interesse dos mesmos. Foi citado também, o acompanhamento da família, o favorecimento por parte do professor no desenvolvimento da autoestima, da autoconfiança, como fatores essenciais para uma boa aprendizagem.

Observou-se que a ansiedade e a pressão exercida por pais e professores, são fatores preponderantes para a obtenção de resultados desfavoráveis, bem como, a falta de empatia por parte dos professores para com os alunos ou dos alunos com as matérias lecionadas.

Estas afirmações estão de acordo com a teoria de Fernandes (2001; 40), ao afirmar que “quem ensina oferece-se como modelo identificatório...” Por isso, todos devem encarar esse processo de ensino e aprendizagem com mais responsabilidade.

Não se obteve nenhum resultado que correlacionasse a conduta do aluno com o sucesso ou fracasso no processo de aprendizagem, talvez, por não considerarem esta relação de forma estanque, imóvel e fechada. No entanto, o aspecto emocional sempre interfere no

processo de aprendizagem dos mesmos, e consequentemente no processo avaliativo. Isso hoje é comum aos alunos do ensino Fundamental, principalmente aos adolescentes. É necessário sabedoria por parte da escola para lidar com essa situação.

6.4 Análise das entrevistas aos alunos

Os dados coletados através de entrevistas e questionários realizados junto a 25 (vinte e cinco) alunos de 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental, que fizeram parte da pesquisa encontram-se de acordo com o tema abordado.

A maioria dos alunos se manifestou a favor das avaliações a que se submetem por acreditar que as mesmas possuem o conteúdo que é dado na sala de aula, favorecendo uma maior aprendizagem e que são compatíveis com o seu nível cognitivo.

Nessa questão, foi difícil analisar os dados coletados, em função de não se distinguir o ato de estudar, da realização diária das tarefas. A maioria dos alunos relacionou o fato de estudarem diariamente, à imposição de normas e regras pelos pais e pela escola, assim como, a obtenção de bons resultados nas avaliações. Em raras respostas, verificou-se a percepção de que o estudo diário conduz a uma aprendizagem mais eficaz.

A grande maioria dos alunos, no período que antecede e durante a própria avaliação, apresentou pelo menos uma ou mais manifestações de sintomas característicos dos fatores intervenientes. Observou-se ainda, que alguns demonstraram autoconfiança, por perceberem a avaliação como uma tarefa diária.

A maioria dos alunos alegou que os familiares são os principais responsáveis pela cobrança destes resultados e outros relataram apenas que lhe são impostas regras e normas, com a utilização, algumas vezes, de aspectos ligados ao sistema de esforço-recompensa, que são percebidas como uma atitude natural por parte dos alunos.

Diante dos resultados das avaliações, notou-se que pertencem basicamente a três categorias distintas entre si, a saber: alegria, descontentamento e punição; dentre os resultados satisfatório e insatisfatório. Por isso mesmo é que Luckesi (1984), diz que a escola deve tomar as decisões que possibilitem atingir os resultados esperados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho mostrou que a avaliação da aprendizagem não é uma punição e nem um instrumento de controle e disciplina na Escola. Uma escola que demasiadamente classifica e reprova seus alunos, não está cumprindo com o seu papel perante a sociedade, que é o de ensinar a todos os alunos e contribuir para a formação humana destes. A avaliação deve ser entendida como um suporte na condução do ato de ensinar e aprender e que, portanto, uma boa prática avaliativa permite a análise dos resultados e a escolha dos passos seguintes que vão reafirmar o compromisso com a aprendizagem.

Com a realização deste trabalho, refletiu-se sobre a prática avaliativa, basicamente, nos anos finais do Ensino Fundamental, concretizando-se os objetivos, pois possibilitou a avaliação das dificuldades no processo de avaliação desenvolvido com os alunos de 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental da Unidade Escolar Zezinho Dondon, uma escola rural da rede pública municipal de Boa Hora, Estado do Piauí.

Espera-se que a escola reveja seus conceitos e filosofias para conseguir minimizar as dificuldades do processo avaliativo relacionado ao tema: “Avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental do 6º ao 8º ano: dados para um redimensionamento” e, consequentemente amenizar a exclusão dos alunos da escola e da sociedade.

Conforme os teóricos pesquisados, percebeu-se a importância da avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental e em diferentes contextos e tendências educacionais, porém, observou-se que avaliar não consiste apenas em criar um instrumento de avaliação, mas transformá-lo em um instrumento de crescimento, reflexão para professores, pais e alunos, onde o professor reflita sobre a sua capacidade de provocar o processo de construção dos aspectos cognitivos dos seus alunos, onde os pais possam refletir sobre os seus papéis frente à educação dos filhos e onde os educandos possam refletir sobre o processo de construção da aprendizagem desenvolvida diariamente em sala de aula.

Vale destacar ainda que com a realização desta pesquisa teve-se a oportunidade de refletir sobre a visão de pais, professores e alunos sobre as diferentes concepções da avaliação da aprendizagem e a sua importância para a aquisição e desenvolvimento da aprendizagem.

Com os estudos realizados sobre o tema percebeu-se que a avaliação da aprendizagem não deve ser vista como um meio de punir os alunos, mas uma revisão de conhecimento, testando assim o que o professor ensinou e orientou a seus educandos e se esses conhecimentos foram compreendidos. A avaliação serve para avaliar o aluno e também

o professor. Este tem o papel fundamental no processo da avaliação do educando. É ele quem deve buscar novos conhecimentos para seus alunos para que haja ensino e aprendizagem. Além disso, percebeu-se que a través do rendimento escolar dos alunos, o educador pode perguntar a si mesmo se seus objetivos foram claros e suficientes; se os conteúdos programáticos estão de acordo com a realidade dos alunos.

Notou-se também que incorporar a comunidade no âmbito da escola, não significa apenas a participação em reuniões de pais e mestres, vai muito além disso, significa acima de tudo, que as pessoas que utilizam o processo educacional sejam protagonistas do modelo de escola que querem para si e para os seus filhos. Nesse contexto, pais, alunos, funcionários e gestão, são convidados a planejar o uso dos recursos financeiros, organizar o currículo, traçar metas, organizar o plano de trabalho pedagógico e acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem dos discentes, tendo em vista que todo o trabalho da escola, isolado ou coletivo, objetiva fazer com que o aluno aprenda. Agindo assim, a comunidade poderá construir a escola que sonha e que vá de encontro aos interesses de todos.

Considerando-se que ainda é baixa a participação da comunidade escolar nas decisões e planejamentos do trabalho da instituição, cabe ao núcleo gestor se reunir, discutir as dificuldades, planejar estratégias de solução, entender a linguagem e os objetivos do processo avaliativo com seus professores e demais membros da comunidade para que sejam sanadas as necessidades do alunado. O diálogo deve ser ativo e coletivo buscando diminuir os índices negativos, sejam de desempenho, evasão ou repetência, pois o papel das avaliações externas é fazer com que a escola lance um olhar crítico sobre si mesma.

As informações colhidas na pesquisa permitiram visualizar consideravelmente o modelo de avaliação da educação na Unidade Escolar Zezinho Dondon. Elas possibilitam uma reflexão extremamente útil para que a gestão e equipe pedagógica reafirmem o compromisso de reverem as formas e as metodologias avaliativas e de engajar os alunos no processo de avaliação nos diversos momentos da sala de aula, de tal modo que a avaliação participativa desmitifique a avaliação final como modelo soberano e punitivo, deixando de ser um discurso de descrição e julgamento para se tornar um discurso de diálogo entre todos que fazem a escola.

A avaliação da aprendizagem dos alunos é, sobretudo, uma questão ética e não apenas acadêmica, de técnica, de saber. Os aspectos técnicos adquirem sentido precisamente quando são guiados por princípios éticos e de justiça. A escola só desempenhará sua função

social se possibilitar a socialização do conhecimento construído nas relações coletivas e interativas articulada com os diversos seguimentos que a compõem.

A avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental, principalmente nas turmas de 6º ao 8º ano é um instrumento de fundamental importância para professores, pais e alunos, pois provoca a reflexão sobre os diferentes processos de avaliações que devem ser formativa, reflexiva, diagnóstica, processual e contínua.

De acordo com os achados deste estudo e comparados igualmente com outras pesquisas, os instrumentos de avaliação dependem da natureza da área de estudo, dos objetivos traçados no planejamento bem como das condições de tempo do professor e dos alunos, estando, pois, a avaliação, adequada aos métodos e procedimentos usados no ensino. Nessa visão, a avaliação deixa de ser concebida como processo de classificação, seleção e exclusão social e se torna ferramenta indispensável para os docentes comprometidos com a construção coletiva de uma escola de qualidade para todos.

Esta pesquisa não é uma obra plenamente concluída, pois a mesma pode ser enriquecida com outros olhares e questionamentos. Dessa forma, espera-se que este trabalho sirva como subsídio para estudos e o desenvolvimento de novas pesquisas sobre o papel da avaliação educacional e, sobretudo, da avaliação da aprendizagem nas turmas de 6º, 7º e 8º ano do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

- ABNT – **Associação Brasileira de Normas Técnicas**. **NBR 14724**: informação trabalhos acadêmicos e apresentação. Rio de Janeiro: 2005.
- ALMEIDA, F.J.; FRANCO, M.G. **Avaliação para a aprendizagem**: O processo avaliativo para melhorar o desempenho dos alunos. São Paulo: Ática educadores, 2011.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 6ª ed. São Paulo: 2006.
- BATISTA, Antônio Gomes, Pró-Letramento. **Alfabetização e Linguagem**: capacidades linguísticas da alfabetização, fascículo 1.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.
- BECKER, Fernando. **O caminho da aprendizagem**. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1997.
- BERTAUX, D. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal/RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente** (Lei Nº 8069/90). Brasília: Conanda, 2000.
- _____, **LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- _____. Ministério da Educação. **Indicadores da Qualidade da Educação**. São Paulo: Ação Educativa, 2007.
- _____. Ministério da Educação, Secretaria de educação especial: Educação Infantil: **Saberes e práticas da inclusão**. 4. ed.; Brasília: 2006.
- CANTO, Eduardo Leite. Ciências Naturais: **aprendendo com o cotidiano**, 2ª ed. São Paulo, 2004.
- CARPANEDA, Isabella... (et. Al). **Porta aberta**. Língua Portuguesa. São Paulo: FTD, 2005
- CERVO, A.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CORIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia aplicada a educação**. São Paulo: EPU, 1986.
- D'ANTOLA, Arlette R. M. **A observação na avaliação escolar**: um estudo experimental. 2. ed. São Paulo, Loyola, 1981.
- DEMO, Pedro. **Avaliação sob o olhar propedêutico**. Campinas-SP: Papyrus, 1996.
- DINIZ, Terezinha. – **Sistema de Avaliação e Aprendizagem**, Rio de Janeiro, 1982.

FERNANDES, Alícia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas; 2001.

FGF- Faculdade Integrada da Grande Fortaleza. **Manual para elaboração de monografia**. Fortaleza-CE, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Em três artigos que se completam, 40ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 7ª ed. São Paulo: Atlas: 2005.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

HAYDT, R.C. **Avaliação do Processo Ensino-aprendizagem**. 6 ed. São Paulo: Editora Ática, 2008

HOFFMAN, Jussara Mari Lerch. **Avaliação Mediadora: Uma prática de construção da pré-escola à universidade**, Porto Alegre, RS. 8ª ed. Mediação Editora.1996

_____. **Avaliação mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre, Educação & Realidade. 29ª ed., 1994.

_____. **Avaliação para promover**. Porto Alegre-RS. Educação e Realidade, 1991.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação**. O mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1989. (Série pensamento e Ação no Magistério).

LIBÂNEO, J.C. **Didática**. 15 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Didática**. 15 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**: São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2002

_____. **Filosofia da Educação. Coleção Magistério.** São Paulo. Editora Cortez, 1990.

_____. **Verificação ou Avaliação: O que pratica a escola?** Série Ideias n. 8, São Paulo: FTD, 1998. p. 71-80.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MEC, **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Para o Ensino Fundamental. Brasília: 1997.

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicolette. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Marco Antonio. **Ensino e Aprendizagem:** enfoques teóricos. São Paulo: Moraes, 1983.

OLIVEIRA, VB. **Avaliação psicopedagógica da criança de sete a onze anos.** Petrópolis: Vozes, 1997.

PÁDUA, Elizabete. **Metodologia da pesquisa:** abordagem teórico-prática. São Paulo: Papirus, 1991.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens.** Porto Alegre: Artmed, 1999

_____. **10 novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Não mexam na minha avaliação! Para uma abordagem sistêmica da mudança pedagógica.** In: NOVOA, A. Avaliação em educação: novas perspectivas. Porto, Portugal: Porto Editora, 1993.

Publicação: **Artigo da Publicação Raízes e Asas.** n. 8. São Paulo: CENPEC, 1995. p. 23.

RAMOS, P. **Os pilares para educação e avaliação.** Blumenau – SC: Acadêmica, 2001.

RAPPAPORT, Clara Regina. **As teorias do desenvolvimento:** modelo psicanalítico, piagetiano e de aprendizagem social., São Paulo: EPU, 1981.v.1

Revista Nova Escola - **Turma heterogênea.** n 255. Set, 2012.

SANT'ANNA, Elza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?** Critérios e Instrumentos. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Por que avaliar? Como avaliar?** Critérios e Instrumentos. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SORDI, M. R. LÜDKE, M. **A avaliação nos contextos e paradigmas educacionais.** Pátio Revista Pedagógica, Porto Alegre, n. 50, maio/julho. 2009

WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** São Paulo, Editora Ática, 2006

WERNECK, Hamilton. **Prova, provão, camisa de força da educação:** uma crítica mordaz aos sistemas de avaliação crivada de humor e proposta> Petrópolis: Vozes, 1995.

Fonte: **Nova Escola.** São Paulo, Fundação Victor Civita, ano XVI, nº 147, Novembro, 2001.

APÊNDICES

Universidade Federal do Piauí – UFPI

Curso: **Especialização em Coordenação Pedagógica**

Turma: Única - Polo: **Piripiri**

Cursista: **João Lopes** Matrícula: **11e7229**

Sala Ambiente **Metodologia do Trabalho Científico** Bloco 6

Professora: **Maria de Jesus Assunção e Silva**

Atividade: **TCC – Trabalho de Conclusão do Curso**

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO (Para os pais)

01. Você orienta seu filho(a) nas atividades escolares, diariamente, ou somente, na semana de avaliação?

02. Para você, a nota que seu filho(a) obtém, é um reflexo de aprendizagem? semana de avaliações? Justifique:

03. Que tipo de sentimento / emoção, você experimenta por ocasião da semana de avaliações do seu / sua filho(a)?

04. Qual a sua reação, em relação ao seu filho(a), diante dos resultados das avaliações?

05. Na sua percepção, o estado emocional de seu filho(a) modifica-se na semana de avaliações? Caso sua resposta seja afirmativa, caracterize-o:

Universidade Federal do Piauí – UFPI

Curso: **Especialização em Coordenação Pedagógica**

Turma: Única - Polo: **Piripiri**

Cursista: **João Lopes** Matrícula: **11e7229**

Sala Ambiente **Metodologia do Trabalho Científico** Bloco 6

Professora: **Maria de Jesus Assunção e Silva**

Atividade: **TCC – Trabalho de Conclusão do Curso**

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO (Para os professores)

01. Qual a relação entre a nota obtida pelo aluno(a) e sua aprendizagem.

02. Existe alguma relação entre a família e o resultado obtido, pelo aluno(a), na avaliação? Explique:

03. Cite os fatores que influenciam no bom aproveitamento dos alunos nas avaliações.

04. Cite fatores que contribuem para o baixo rendimento dos alunos nas avaliações.

05. Existe correlação ao nível comportamental, entre o aluno “bem sucedido” e o “mal sucedido”? Justifique:

Universidade Federal do Piauí – UFPI

Curso: **Especialização em Coordenação Pedagógica**

Turma: Única - Polo: **Piripiri**

Cursista: **João Lopes** Matrícula: **11e7229**

Sala Ambiente **Metodologia do Trabalho Científico** Bloco 6

Professora: **Maria de Jesus Assunção e Silva**

Atividade: **TCC – Trabalho de Conclusão do Curso**

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO (Para os alunos)

01. Você gosta do tipo de avaliação aplicada na escola? Por quê?

02. Você estuda todos os dias ou somente na semana das avaliações? Por quê?

03. Você sente alguma coisa diferente na hora de fazer avaliação? O quê? Por quê?

04. Você se sente pressionado em apresentar um bom resultado nas avaliações? Por quem?

05. O que seus pais fazem quando você obtém uma “nota alta ou baixa”?
